

BEAUTY FOUND

A Hades Hangmen Novella



USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

TILLIE COLE





DISPONIBILIZAÇÃO:

Eva

TRADUÇÃO E REVISÃO:

Andreia, Thay, Faby, Amy, Juzita, Drika

LEITURA FINAL E FORMATAÇÃO:

Amy e Eva

Agosto/2018

Mesmo no inferno, há beleza para ser encontrada.

Há vida antes dos Hangmen. Há vida antes que sua alma gêmea fosse encontrada.

Existe vida mesmo quando tudo parece perdido.

Shane 'Tank' Rutherford tem apenas dezessete anos quando, ao escapar dos punhos letais de seu pai, ele acaba nas ruas. Lutando pela sobrevivência, ele se encontra de repente salvo. Salvo por um grupo que o toma sob sua asa.

Um grupo que todos conhecem. . . a Ku Klux Klan do Texas.

Anos mais tarde, Tank está desiludido com a Klan e com o que eles representam. Recentemente libertado da prisão, ele está perdido em um mundo que ele não conhece mais. Ele está sozinho. Até que pega uma mulher pedindo carona na beira de uma estrada. Uma rainha da beleza vestida de rosa.

Susan-Lee Stewart terminou com as coroas. Ela terminou com o brilho e o glamour da vida de espetáculo. E ela terminou com as contusões... as contusões oferecidas pela única pessoa que deveria amá-la incondicionalmente - sua mãe.

Segundos depois de receber outro título em um concurso, Susan-Lee toma uma decisão confusa e foge do palco. Deixa a vida glamourosa como uma rainha de concursos, foge de sua mãe violenta... e pula direto na traseira da moto de um deus musculoso tatuado...

E nunca olha para trás.

Enquanto Susan-Lee segura a cintura de Tank, nenhum deles sabe que é um encontro casual que mudará tanto as suas vidas quanto os seus corações para sempre.

Há histórias sobre como você encontra sua outra metade. Há histórias sobre como alguém pode salvar sua alma quando toda a esperança está perdida.

Antes de serem Tank e Beauty, eles eram Shane e Susan-Lee. Dois corações perdidos que, juntos, foram finalmente encontrados.





Glossário

(Não está em ordem alfabética)

Hangmen Hades Terminologia

Hades Hangmen: MC um-porcento fora-da-lei. Fundado em Austin, Texas de 1969.

Hades: Senhor do Submundo na mitologia grega.

Mãe Capítulo: Primeira filial do clube. Localização do fundador.

Um porcento: Há rumores que a Associação de Motociclistas Americana (AMA) teria dito que 99% dos motociclistas eram cidadãos cumpridores da lei. Motociclistas que não cumprem as regras da AMA nomearam-se "um porcento" (o restante, 1% não cumpridores da lei). A grande maioria dos "um porcento" pertencem aos Mc fora da lei.

Corte: colete de couro usado por motociclistas fora da lei. Adornados com remendos e obras de arte que exibem as cores exclusivas do clube.

Remendo: Quando um novo membro é aprovado para uma adesão plena.

Igreja: As reuniões do clube para os membros de remendo completo. Lideradas pelo presidente do clube.



Old Lady: Mulher com status de casada. Protegida por seu parceiro. São consideradas intocadas pelos membros clube.

Vagabunda do Clube: mulher que vem para o clube para se envolver em atos sexuais casuais com membros do clube.

Cadela: Mulher na cultura motociclista. Termo carinhoso.

Indo / Ir para o inferno: Gíria. Referindo-se à morte / mortos.

Encontrando/Indo /Ir para o barqueiro: Gíria. Morrer/morto. Referindo-se a 'Caeronte' na mitologia grega. Caeronte é o barqueiro dos mortos, um demônio do submundo (Espírito). Transporta as almas para Hades. A taxa para a travessia ao longo dos rios Styx e Acheron para Hades era colocar moedas em ambos olhos do morto ou na boca no enterro. Aqueles que não pagavam a taxa eram deixados nas margens do Styx por cem anos.

Neve: Cocaína.

Gelo: Metanfetamina.

Traço: Heroína

Estrutura organizacional de Hades Hangmen

Presidente (Prez): Líder do clube. Titular do Martelo, que é um símbolo do poder absoluto que o Presidente exerce. O Martelo é usado para manter a ordem na Igreja. A palavra do presidente é lei dentro do clube. Ele toma o conselho de membros sêniores do clube. Ninguém contesta as decisões do presidente.



Vice-presidente (VP): Segundo em comando. Executa as ordens do presidente. Principal comunicador com outros integrantes do clube. Assume todas as responsabilidades e deveres do Presidente na sua ausência.

Capitão de Estrada: Responsável pelo funcionamento de tudo nos clubes. Pesquisa, planeja e organiza as corridas do clube e as saídas de passeio. Dirigente do clube, responde apenas ao presidente ou vice-presidente.

Sargento de armas: Responsável pela segurança do clube, policiamento e manutenção da ordem em eventos do clube. Relata comportamento inadequado para o presidente e vice-presidente. Responsável pela segurança e proteção do clube, de seus membros e seus Prospects.

Tesoureiro: Mantém registros de todas as receitas e despesas. Mantém registros de todos os membros efetivos e todas as cores permitidas do clube.

Secretário: Responsável por fazer e manter todos os registros do clube. Deve notificar membros de reuniões de emergência.

Prospect: Membro estagiário do MC. Vai a corridas, mas é proibido de participar da Igreja.



Prólogo

Tank

17 anos

Nem estou acordado na primeira vez que a bota atinge minhas costelas. Ofego, meus olhos abrindo quando a bota atinge meu estômago, tirando meu ar. Viro contra a parede e olho para cima. Há pelo menos cinco deles que posso ver. Um soco atinge meu rosto enquanto tento levantar, derrubando-me de novo. "Imbecil!" Rosno, e empurro o idiota que tenta me manter no chão. Ele cai. Pulo bem a tempo de ver um dos filhos da puta pegar minha mochila.

"Hey!" Grito. Mas antes que possa me apressar, socar o bastardo por tocar minhas coisas, outros quatro vêm para mim. Punhos e pés atingem meu corpo. Pontos pretos começam a dançar nos meus olhos, e de repente os idiotas somem.

Inclino-me contra a parede, segurando minhas costelas, tentando achar a porra da respiração e olho para cima. Um grupo de caras brancos tatuados afunda os punhos num bando de mexicanos... os desgraçados que me atacaram.

É uma luta rápida, os novos caras chutam as bundas dos mexicanos em minutos. Os filhos da puta correm pelo beco onde eu dormia. Suor e sangue escorrem por meu rosto. Quando os limpo com a mão, minha visão clareia para ver um cara enorme com a cabeça raspada se aproximando, minha mochila nas mãos.

"Eles não levaram nada?", ele diz. Estreito os olhos. Ele tem uma caveira enorme e ossos cruzados no meio da garganta. Estendo a mão e pego minha mochila. Meus dentes cerram pela dor imediata nas costelas.

Os filhos da puta as quebraram. Eu apenas sei.

O cara puxa a bolsa e agarra meu braço. Sua mão não envolve todo meu bíceps. Ele sorri. "Quantos anos tem, garoto?"

Dou uma olhada nos outros. Todos parecem iguais - o mesmo corte de cabelo, roupas, tatuagens. E estão todos me olhando. "Dezoito."

O cara balança a cabeça. "Você é um filho da puta grande." Afasto o braço dele e dou um passo para trás, ignorando a dor nas minhas costelas. Não é como se nunca tivesse lidado com essa merda. "Futebol?"

"Final apertado", digo depois de alguns momentos de dizer foda-se a tudo. "Universitário... ou pelo menos era."

O cara olha para alguém atrás dele, depois de volta para mim. "E agora está dormindo num beco?"

Cada músculo em mim tensiona. Este idiota não tem nenhuma ideia da merda que passei. Não poderia ter ficado com meu velho por mais um maldito minuto. Minha mandíbula cerra e minha mão fecha num punho ao meu lado. A raiva repentina me ilumina quando lembro dele jogar um dos seus punhos na minha cara depois de beber uísque.... Novamente. O cara deve ter visto. Mas em vez de estar ameaçado, ele apenas sorri mais e sussurra algo para o cara atrás dele novamente. Ele se aproxima, sua altura e construção combinam com a minha. "Sou Trace."

Olho em volta para todos eles. Nenhum parece querer me matar, e chutaram as bundas dos mexicanos por mim também. "Shane. Shane Rutherford."

Trace sorri. "Bom nome. Puro. Verdadeiro americano." Ele aponta para minhas costelas. "Temos alguém que pode consertar isso."

Meus olhos estreitam. "Por que faria isso?" Tensiono. "Não vou chupar seu pau." Recebi muitas dessas ofertas aqui nas ruas.

Trace começa a rir, assim como o resto dos caras atrás dele. "Bom saber. Gosto disso tanto quanto gosto de mexicanos."

Meus ombros perdem a tensão, mas ainda pergunto: "Por que está me ajudando?"

Trace passa o braço em volta do meu ombro e vira para que eu possa ver os caras com ele. "Quando um irmão branco, de boa raça americana, nascido e criado nos EUA, precisa de ajuda, seus irmãos brancos vêm ajudar."

As tatuagens nos braços e pescoços dos rapazes ficam claras. Suásticas, cruzes celtas, "SS". "Temos um lugar onde pode ficar. Podemos arrumar um emprego, sair daqui." Olho para o cobertor em que estou dormindo há dois meses. Meu estômago ronca de fome. Trace aperta meu ombro. "Comida que pode comer."

"Johnny Landry faz um churrasco insano", diz um dos rapazes. Churrasco é meu prato favorito.

Todos me encaram. Trace segura meu ombro. Suspiro, pela primeira vez em semanas sinto algo além de fodido desespero. "Posso aceitar um pouco de churrasco", digo e os caras sorriem.

"Então vamos dar o fora." Trace me leva para uma caminhonete. Respiro fundo quando saímos do centro de Austin e seguimos em direção a Spicewood. Viramos e dirigimos por uma estrada de terra até que uma casa aparece. Dezenas de pessoas estão do lado de fora, bebendo e conversando.

"A irmandade", diz Trace. Encaro-o. Ele deve ter uns vinte e quatro, vinte e cinco anos? Trace me leva para a casa. Um grupo de caras está na enorme cozinha. Eles parecem diferentes de Trace e seus amigos. Parecem mais inteligentes em suas roupas extravagantes. Falam diferente. Parece que fazem mais do que lutar contra gangues na rua.

Um cara mais velho com olhos desconfiados fica em pé. "Quem é esse?" Ele pergunta enquanto me aponta com o queixo.

"Shane Rutherford", diz Trace. "Encontrei-o sendo assaltado por latinos. Não podia deixar um irmão ser abatido assim."

O cara mais velho assente. "Jay está no quarto dos fundos. Ele vai consertá-lo". Sigo Trace por um corredor até um quarto nos fundos. O local é cheio de painéis de madeira, bandeiras americanas e nazistas pregadas na maioria das paredes. Então, no fim, há uma enorme pintura de Hitler.

Filho da puta do Adolf Hitler.

Paro de andar, apenas olhando a foto. Não sou idiota. Na verdade, fui muito inteligente durante toda a escola. Bom com mecânica. Engenharia, esse tipo de merda. E prestei atenção na aula de História Europeia. Estou com o fodido Hitler. Sei um pouco sobre o poder branco e a KKK. Nunca lhes dei muita atenção. Eles nunca fizeram parte da minha vida. Mas, quando os olhos ferozes de Hitler perfuraram os meus na pintura, algum tipo de nova batida se instala em meu peito.

Risos soam do corredor. Uma janela está a minha direita e olho os homens no quintal. Eles bebem cerveja americana e uísque escocês e têm o momento de suas vidas. Meu estômago revira quando percebo que nunca realmente tive um grupo de amigos. Tive o futebol. Mas quando seu velho é um alcoólatra cujo

passatempo favorito é esmagar o punho no rosto de seu filho, isso te faz se afastar. Nenhum desses caras sabe o que é ser eu. Joguei futebol porque sou um filho da puta grande que precisa bater nas pessoas. Deixar essa raiva. Meu pai é maior que eu. Não importa o quanto lute, aquele desgraçado sempre vence.

Um dos caras aumenta o volume num aparelho de som, e uma música de rock toca no alto-falante. Ele grita a letra. Sobre fraternidade e ser um americano branco. Sinto as batidas da música percorrerem minhas veias como crack.

Quero estar lá com eles. Bebendo e não dando a mínima para nada além dos homens ao meu redor.

"Você está bem?" Trace fala atrás de mim. Viro e lhe dou um aceno de cabeça. Ele segura meu braço e me puxa para uma sala menor do corredor. Um cara alto e magro, com cabelos castanhos está ao lado de uma cama com lençóis brancos.

O cara estende a mão. "Jay". Eu me apresento.

"Ex-militar", diz Trace, apontando para Jay. "Médico." Trace dá um tapa nas costas de Jay. "Serviu esse país do caralho. Matando ladrões que tentaram tirar nossa liberdade." Trace sorri. "Fodido herói branco."

"Obrigado por seu serviço."

Jay acena com a cabeça, e posso sentir no brilho nos olhos dele que acabei de fazer algo certo. "Sente na cama." Jay manda Trace para longe, em seguida, costura meus cortes e prende minhas costelas. O tempo todo ele me conta sobre como tem um passado parecido com o meu. Encontrou sua casa aqui com Johnny Landry. Então ele se juntou ao exército. Quis lutar por seu país. Disse-me que a maioria dos irmãos neste rancho o fez. São soldados americanos, não bandidos. Landry tem uma missão maior do que apenas lutas de rua com mexicanos e negros. Com cada palavra dita, meu coração bate mais e mais



rápido, desejando tudo o que ele diz. Família... irmãos... uma causa ... uma razão para viver... Essas palavras me iluminam como os fogos de 4 de julho.

Quando ele termina, Jay coloca a mão no meu ombro. "Você precisa falar com Landry, garoto. É o tipo de soldado que ele procura. Eu posso ver." Ele bate em minha cabeça. "Você tem algo aqui", ele ri, "Assim como toda essa porra de músculo." Então ele sai, deixando-me sozinho.

Não consigo tirar as palavras dele da cabeça. Sou o que Landry está procurando. Um sorriso puxa o canto da minha boca.

Aperto os analgésicos que Jay me entregou junto com a lata de cerveja que ele me deu para tomá-los.

Passo a mão pelo meu rosto, de repente morto de cansaço, mas minha mente corre com o que está acontecendo. A foto de Hitler me encara como se pudesse ver através de mim. Como os olhos de Landry quando entrei. Quando abro os olhos, alguém está na porta. O cara parece da minha idade, talvez um pouco mais jovem. Meu olhar estreita nele.

"Trace disse que os latinos te pegaram."

"Tentaram", digo depois de alguns segundos de silêncio. "Seus garotos os expulsaram."

"Você joga futebol." Não é uma pergunta. "Trace disse." Parece que Trace deu a todos o resumo enquanto Jay me curava.

"Jogava", digo. "No ensino médio. Acabo de sair. Quando se gradua, tem que sair fora."

O cara assente. "Sou quarterback." Ele entra mais na sala. Ele não tem tatuagens. Mas o garoto é forte e alto também. "Um calouro." Ele parece mais sofisticado do que eu e os outros aqui. Fala melhor do que Trace. Claro que fala melhor do

que meu rabo caipira. Não parece com o resto do pessoal aqui. E o garoto com certeza não parece um calouro.

"Sou Tanner." Ele estende a mão para eu apertar.

Segurando minhas costelas com uma mão, estendo a outra para ele. "Shane."

"Tank é melhor", diz Trace por trás de Tanner. "Você não come há semanas, como ainda é tão grande? Foda-se Shane, você é Tank para nós agora."

"E quem somos *nós?*", pergunto, meus olhos indo para Tanner. Sei que são o poder branco ou essa merda. Mas não tenho ideia de quem são eles.

"Sua nova família." Trace passa o braço ao redor dos ombros de Tanner, puxando-o para perto como fez comigo. "Irmãos, Tank. Fodidos irmãos de armas."

Capítulo um

Tank

Cinco anos depois...

Pego a bolsa com minhas coisas e vou para o fundo da sala me vestir. O uniforme da prisão cai no chão e coloco meu jeans, camisa e jaqueta de couro - todos agora estão muito apertados. Anos de levantar pesos na prisão fazem isso a um cara.

"Assine aqui e aqui", instrui o guarda. Depois de duas assinaturas e uma longa caminhada pelo corredor, chego até a porta que promete minha liberdade. Balanço de um lado para o outro, minhas mãos apertando. Porque sair por essa fodida porta depois do que Landry ordenou significa que provavelmente sairei apenas para receber uma bala no crânio. Toco a cicatriz na minha cabeça. Os cumes ainda são duros e o filho da puta ainda dói.

Só o fato de eu ser um desgraçado forte com quem a maioria não se atreve a mexer me protegeu de deixar dessa merda numa caixa de madeira.

A porta abre e saio para o mundo.

Três anos. Três anos sem liberdade. Deveria ter sido muito mais porra, mas todos nós que caímos naquele dia sabíamos que estaríamos lá apenas por alguns anos. Tive que jogar o jogo para que nossos assistentes pudessem permanecer sob o radar.

Deveríamos ter pego de vinte e cinco anos a perpétua. Mas aqui estou eu, no sol ardente do Texas depois de três anos.

Minhas botas rangem no cascalho enquanto caminho para o portão externo. O guarda espera em seu posto, pronto para me devolver à vida selvagem. Meu coração bate mais rápido a cada passo. Minhas mãos fecham em punhos enquanto me preparo para o que quer que me encontrará do outro lado da grade. A irmandade que me salvou e me deu uma vida, sem dúvida, está prestes a tirá-la.

O ferrolho do portão soa, a maçaneta gira e o calor do Texas atinge meu rosto em cumprimento. Saio do portão, esperando o tiro, a faca, ou qualquer que seja a porra que me espera.

Mas paro quando vejo uma caminhonete familiar estacionada na beira da estrada. Minha respiração sai realmente fodida quando vejo meu melhor amigo esperando ao lado dela, braços cruzados sobre o peito.

Porra. Tanner fodido Ayers é o único que me levará para fora. Achei que ele ainda estaria fora. Ele voltou só por isso?

Atravesso a estrada. O tempo todo Tanner não se move. Seus olhos estão em mim, até que paro a poucos metros de distância. A única vez que eles se movem foi para a cicatriz na minha cabeça. Ele é meu melhor amigo. Meu irmão. Minha maldita família. Mas Tanner Ayers é o Príncipe Branco, o cavaleiro da Ku Klux fodida Klan.

E para ele sou um traidor.

"Não te esperava." Minha voz soa como se tivesse engolido uma tonelada de cascalho.

Tanner se move ao redor da caminhonete e entra sem dizer uma palavra. Respiro fundo e então entro no lado do passageiro. Tanner corre da prisão, deixando poeira em nosso



rastros. Rock de supremacia branca sai do sistema de som, sobre foder alguém que não seja branco.

Tanner dirige cada vez mais rápido até a prisão ser um ponto no fundo. Ele vira à esquerda por uma estrada de terra deserta, depois freia bruscamente, desligando o rádio. Derrapamos alguns metros antes que a caminhonete pare e a cabine está cheia de silêncio.

Mantenho meus olhos a frente. Não quero ver o rosto do meu melhor amigo enquanto ele me leva para fora. O ponteiro dos minutos do painel do relógio muda cinco vezes antes dele perguntar: "É verdade?" Minha mandíbula cerra quando suas palavras atingem meus ouvidos. Quando não respondo, Tanner bate a mão no volante e rosna: "É mesmo verdade?"

Olho fixamente a árvore agonizante ao lado da estrada de terra estéril. Os galhos secos quebram, caindo lentamente no chão. "Sim", digo com os dentes cerrados. Meu olhar cai para as mãos... para a maldita tatuagem de orgulho branco. O escudo de St. George que ocupa a maior parte do meu braço direito.

Tanner diz foda-se depois disso. Demora alguns minutos antes que eu o encare. Seu rosto estava em branco, olhando através do para-brisa.

"Você é meu maldito irmão, Tank." Sua voz é baixa, rouca como o inferno. Sua cabeça finalmente vira para mim. Meu irmão ainda não tem tatuagens. Ele está no exército, cumprindo seu dever americano. Em comunicações ou essa merda. Tanner nunca estaria na linha de frente, atirando em qualquer filho da puta que ameaçasse nossas terras. Eles viram que ele é um gênio e colocaram seu cérebro para funcionar. É claro que todas essas comunicações beneficiam a Klan. O herdeiro sabendo hackear computadores? Um presente do caralho nas mãos de Landry.

Tanner não é nada como o garoto que conheci naquele dia anos atrás na terra de Spicewood. Tanner Ayers é finalmente o príncipe branco que sua família o preparou para ser. Selvagem, inteligente pra caralho, e não pisca ao cortar a garganta de um filho da puta inimigo.

Isso agora incluí a minha.

"Você fodeu tudo. Landry esperava que estivesse com ele naquela matança." Ele balança a cabeça e um rubor de raiva toma seu rosto. "Ele contava com seu segundo em comando naquele lugar, e você desistiu!" Sua respiração vem rápida agora. "Por quê? Por que diabos se importa com um maldito nada latino?" Ele me olha como se não me conhecesse. Como se não tivéssemos derramado sangue lado a lado pela causa.

Mas aquele latino que ele falou, ele não era *nada*. Cheguei a conhecê-lo. Compartilhei um quarto com ele por um tempo antes de Landry puxar algumas cordas e me colocar com um irmão ariano. Penso no dia que o conheci...

No minuto em que ele entra, bati as costas dele contra a parede. "Escute, seu maldito puto sujo. Você até mesmo respira errado na minha direção e vou cortar sua garganta e te deixar engasgar com o próprio sangue."

O latino encontra meus olhos, então ri. "Claro que vai."

Minhas mãos agarram sua camisa quando raiva surge através de mim. Eu o empurro de volta, em seguida, rosno, "Não vou para a solitária novamente, então apenas fique fora do meu caminho e não me faça te matar."

O garoto, porque de jeito nenhum tinha mais de dezoito anos, passa por mim e deita na cama. "Relaxe. Não pretendo entrar no caminho de ninguém." Ele se move para a cama e pega um livro. Ele olha para mim por cima das páginas. "Isto é um livro. Deveria ler um." Ele faz uma pausa. "E não a merda que foi produzida para

seu 'povo'." Ele acena na minha cara. "Livros reais. Por pessoas reais com problemas reais. Ideias sobre como resolver esses problemas... Não importa qual seja a cor da pele ou religião." Meu lábio curva quando ele vira e começa a ler. Landry me levará para outra cela. Só tenho que tentar não matar esse idiota antes que isso aconteça.

Acabou que Carlos era um bom garoto. Mas uma criança que tinha fodido e feito um inimigo no cara errado - Johnny Landry. Não sabia manter a boca fechada, jorrando sobre seus livros e fazendo os irmãos da KKK parecerem idiotas. Landry estava fora do isolamento quando tudo aconteceu. Recebi a mensagem, mas demorei tanto quanto pude para chegar lá. Eu sabia que não poderia salvar Carlos se Landry o quisesse morto, mas sabia que não iria ajudar a matá-lo também. Cheguei para ver Carlos sangrando no chão, o maldito livro que tanto amava no chão ao lado dele, a faca que dei a ele saindo do pescoço de Brant - um dos nossos soldados, morto também, porra. Olhando para a poça de sangue, em seus olhos congelados pela morte, algo em mim estalou. O garoto era apenas um garoto. Mas para Landry, ele estava no caminho para nos tornar uma raça pura. Ele teve que ser retirado. A boca de Carlos teve que ser fechada para sempre. Eu avisei o garoto. Mas ele não ouviu.

Parei de comer com eles depois disso. Fiquei longe quando os olhos mortos de Carlos nunca deixaram minha cabeça.

E por sua vez, assinei minha própria sentença de morte.

"Eu quero sair." Encontro os olhos furiosos de Tanner. "Dar o fora desta vida."

"A guerra está chegando", diz ele lentamente, como se eu fosse um idiota. "A guerra racial está chegando, porra."

Gargalho. Porra, eu sorrio. "Não há guerra racial, Tann. É tudo besteira." Li alguns dos livros de Carlos. Na prisão, eu não

era o garoto do parque de trailers que devia a Klan minha fidelidade, seguindo-os cegamente em tiroteios e assassinatos. Finalmente usei meu cérebro pela primeira vez em cinco anos, e percebi que é tudo um monte de merda. A bochecha de Tanner contrai em aborrecimento. “Você é a pessoa mais esperta que já conheci. Sabe que é tudo besteira; você tem que saber. Acorde porra!”

Tanner sacode a cabeça, como se fosse argumentar. Mas não faz. Ele não pode. Porque ele sabe que estou certo. Fomos alimentados com merda racista até que nossas veias correram com o branco e vermelho da Klan. Mexicanos, negros, judeus e gays não são nada exceto ratos para serem exterminados. Uma poluição para o mundo e a raça branca que reina suprema. Eu vivi, respirei, bebi a porra do Kool-Aid¹, matei, bati e cuspi em alguém que não era como nós.

Lutei na rua ao lado de Landry, nosso líder, até que um negro morreu. A sentença por minha parte - cinco anos. Em três, solto por "bom comportamento". Na verdade, foi porque temos um influente juiz do nosso lado - o mais influente do Texas, porra, dos EUA. Landry não está muito atrás de mim. Ele nunca teria sido preso em primeiro lugar, mas um policial negro nos prendeu, o caso virou notícia e tivemos que jogar o jogo. Ninguém está autorizado a saber quem é o irmão mais velho de Landry.

Quem o pai de Tanner realmente é.

“Vamos a uma reunião no rancho.” Tanner volta para a estrada. O rádio liga. A música soa, parecendo estar ficando mais alta a cada quilômetro que nos aproxima do rancho de Spicewood.

Morrerei lá embaixo.

O fim onde tudo começou.

¹ Expressão que se refere a uma pessoa que acredita em uma ideia possivelmente condenada ou perigosa por causa das possíveis recompensas recebidas.

"Só sei que te amei como um irmão", digo sobre a música. Nem sei se Tanner me ouve. "Ainda amo. Nada vai mudar isso. Klan ou não Klan. Você é meu maldito irmão."

Desde o dia em que cheguei no rancho, Tanner estava lá. Daquele dia em diante ele ficou comigo. Éramos jovens comparado a muitos outros. Fazia sentido que ficássemos próximos. Não sabia que estava me alinhando ao Príncipe Branco. Não sabia que a amizade me levaria ao círculo interno da KKK em Austin. Um verdadeiro irmão, aquele que é valioso.

Aquele cuja única saída é a morte.

Tanner não responde ao que disse. Ele não fala quando atravessamos os limites da cidade de Austin, nem quando entramos na pista do rancho Spicewood, onde posso ouvir música e ver o fogo lambendo cruzeiros de madeira.

No minuto em que a caminhonete para, todos os olhos estão em nós. As mãos de Tanner são garras de ferro no volante. Então, "Eu vou sentir sua falta, idiota." Tanner sai da caminhonete, e sei que tenho poucos minutos.

É uma sensação estranha, saber que está prestes a morrer pelas mãos das pessoas que uma vez salvaram sua vida. Mas o que mais me surpreende é a calma em minhas veias. Acho que sempre soube que morreria pela Klan. Apenas nunca pensei que seria como um desertor.

Tanner abre a porta do lado do passageiro, pega meu braço e me puxa para fora. Meus irmãos avançam, alguns ainda em seus capuzes do comício. A mão de Tanner agarra a parte de trás do meu pescoço. "Porra, eu sabia que ele não era um traidor", diz Tanner. *O que...?* Ele não me dá tempo para mostrar o choque, enquanto continua, "Brant, o idiota, queria o traseiro de Landry. Ele nunca passou a mensagem para nosso garoto Tank e mentiu para o meu tio. Apenas para morrer matando um latino

fraco-como-mijo. É por isso que Tank chegou atrasado. Ele recebeu a mensagem tarde demais." Ele cospe no chão, então sua mão vai para minha cicatriz. "Tank foi pego por causa do covarde, mas ainda conseguiu lutar contra Aaron, que fez isso, mantendo-se vivo para lutar a guerra próxima!" Irmãos acenam com a cabeça, e vejo o orgulho em seus olhos. "Vou avisar a Landry que um dos nossos melhores soldados brancos está livre e mais dedicado à causa do que nunca!"

Saudações soam ao redor dos homens e sou bombardeado com bebidas, abraços e "boas-vindas". Dou um passo para trás para ver Tanner pegar uma garrafa de uísque e caminhar para o lado da propriedade.

Uma mão dura pousa nas minhas costas. "Eu sabia." Olho para cima para ver Beau Ayers, irmão mais novo de Tanner. Reconheceria sua voz grave em qualquer lugar. "Você não é traidor." Beau olha seu irmão mais velho. Eles não parecem em nada. Beau tem cabelos castanhos compridos e olhos castanhos. E Beau Ayers é uma maldita fortaleza. Preso em si mesmo. Não tem ninguém ao redor, exceto seu irmão. E eu de vez em quando.

Esta noite é o maior tempo que já ouvi o irmão falar desde que nos conhecemos. "Ele não é o mesmo sem você. Ele está de licença do exército por mais algumas semanas. No minuto em que ouviu o que aconteceu, disse a todos que podia que era besteira. Que apostava sua vida que houve um engano." Beau balança desajeitadamente em pé, cruzando os braços sobre o peito. "Meu irmão está sempre certo."

Culpa me corta, grossa e rápida. Tanner confiou em mim. Defendeu-me.

Beau vai embora, desaparecendo na casa da fazenda, mantendo-se longe de todo mundo. Procuro por Tanner, mas não há sinal dele. O licor flui; as "boas vindas" também.



Um braço envolve meu pescoço. "Tank!" A voz bêbada de Calvin Roberts atinge meus ouvidos. Olho para cima para ver uma multidão de irmãos ao meu redor. Calvin ergue sua garrafa para chamar a atenção de todos. "Diga-nos o que aconteceu naquele dia. Quando acabou com Keon Walters e sua equipe. Todos ouvimos as histórias. Tivemos a descrição da porra das mortes. Mas queremos ouvir isso da sua boca. Um dos verdadeiros heróis do caralho."

Keon Walters. Esse nome perfura meu crânio. Keon... Keon... Keon... Seu rosto brilha diante dos meus olhos. Seu rosto golpeado. A sensação de seus ombros sob minha mão e o cheiro do sangue dele acumulado no chão...

"O quê?" Landry rosna. Estamos fazendo um acordo com a Irmandade Ariana. Mais aliados para a guerra que está chegando. Landry desliga sem dizer mais nada. Mas o rosto dele está congelado, e ele empurra o volante, de repente, indo para a direita. Seu pé fundo no acelerador.

"O que está acontecendo?" Pergunto, meu coração começando a acelerar sabendo que algo grande está acontecendo.

"Keon e sua equipe estão perto de Marble Falls. Fazendo negócios em nosso maldito solo." Landry está tão cheio de raiva que cospe quando fala. Sinto o calor familiar do ódio correr em minhas veias, iluminando-me do lado de dentro. Minha perna salta, ansiando a luta que sei que está chegando.

"Brant acaba de ligar. Eles estão lá agora, esperando por nós." Assentindo, toco minha calça jeans e puxo minha faca e arma. Meus ombros tensionam, meus olhos examinando ao nosso redor enquanto Landry força seu carro a ir mais rápido.

Keon Walters é um pedaço de merda. Tentando entrar em nosso solo e traficar armas. Olho para Landry. Seu rosto está vermelho beterraba. Keon Walters se ferrou três meses atrás



quando pegou o melhor amigo de infância de Landry. Roy Harris foi baleado na cabeça.

Keon Walters segurava a arma.

Landry espera por esse dia.

"Cinco deles", diz Landry, referindo-se claramente a quantos dos homens de Keon estão fazendo o acordo. "O bastardo negro também está lá." Landry sorri. É o mais frio sorriso que já vi.

Meu coração bate mais rápido, excitação com o pensamento de Keon ter uma morte lenta e dolorosa sob mãos brancas deixa meu pau duro. Seguro minha faca com mais força, colocando a arma no cós do jeans. Um minuto depois, salto do carro num maldito caos. Brant e Charles estão atravessando a rua dos fundos, com as armas disparando contra a equipe de Keon, que se esconde atrás de lixeiras. Eles revidam, uma bala atinge Charles e seu corpo cai no chão.

Olho para baixo, vendo seus olhos bem abertos e uma ferida de bala na cabeça. Minhas mãos agarraram a faca com tanta força que quase quebro a porra do cabo. "Fodido!" Rosno e começo a correr pela rua. Chego ao primeiro filho da puta antes que ele tenha a chance de correr. Afundo a faca em seu pescoço tatuado e o observo cair no chão, a bandana colorida de sua equipe caindo ao lado.

Vou para o próximo idiota, tirando minha arma do jeans e colocando uma bala diretamente no coração do desgraçado impuro. Sorrio, um maldito sorriso frio, quando seus olhos fixam em mim e sangue escorre de sua boca. A última coisa que ele viu foi um irmão Klan, sorrindo enquanto ele morria.

"Tank!" Viro a cabeça para a parte de trás da caçamba de lixo. Landry luta para manter um dos bastardos em seu aperto. Quanto mais corro, mais rápido meu pulso fica. Keon



Walters. Brant aparece ao meu lado - cortado, ferido, mas continua lutando. Ele também matou alguns desses putos.

Landry joga Keon em mim. Não perco tempo; acerto meu punho no rosto do filho da puta e o jogo no chão. Só Landry me puxando para longe me impede de acabar com o filho da puta neste momento.

"Segure-o!" Landry ordena. Deixo minha raiva de lado e faço como ele diz, agarrando os ombros de Keon. Landry fica acima dele e dá o maldito sorriso frio novamente. Ele aproxima sua faca do rosto de Keon. Keon tenta se livrar das minhas mãos, mas sou muito forte. O imbecil não pode se mover nem um centímetro.

O som de sirenes da polícia soa ao longe.

"Landry", aviso. "Precisamos sair daqui. Agora." Este lugar é muito público. Alguém nos verá. Nem todos os policiais estão em nossa folha de pagamento.

Seus olhos se estreitam em mim. "Não vou apressar isso." Ele traz a faca para a garganta de Keon e lentamente corta sua pele. Apenas para vê-lo sangrar. "Isso vale a pena." Ele encontra meus olhos. "Se formos presos por alguém que não é nosso, só ficaremos alguns anos. Sabe que temos proteção contra essa coisa. É nosso dever ter essa vingança. É pela Klan, Tank. Pela irmandade. Por Roy..." Ele se concentrou em Keon. "Agora. Segure o bastardo impuro. Eu vou fazer o filho da puta gritar..."

O som de uma caminhonete corta a memória e me traz de volta ao aqui e agora. O braço de Calvin escorrega, e ele e seus irmãos viram em direção ao som. Algum idiota bêbado vem correndo pela terra, sem dúvida.

Olho em volta. As pessoas começaram a ficarem bêbadas; o sol está prestes a se por. Preciso dar o fora daqui. Estar sozinho e apenas respirar. Ando pela parte de trás da propriedade para a

oficina de motos, instantaneamente relaxando com a visão. Sou mecânico de motos. Esta era minha loja. Senti falta disso.

Paro de andar. Minha moto está ao lado de Tanner. Os alforjes cheios das minhas coisas. Minhas ferramentas, roupas, tudo.

Tanner se move, com uma garrafa vazia de uísque na mão. Um caroço do caralho ameaça bloquear minha garganta. "Tann..." Digo, mas ele apenas balança a cabeça uma vez e tenta se afastar. "Tann!"

Ele vira a cabeça. "Vá. Antes que eu não tenha escolha senão colocar uma bala no seu crânio."

"Tann..." Tento novamente, mas ele não está ouvindo. Sua camisa de flanela está amarrada em volta da cintura, revelando a suástica na parte de trás da camisa sem mangas. E eu o vejo ir até que a suástica está fora de vista.

Meu coração dispara. Esta é minha única chance de dar o fora. Pulo na minha moto e dirijo para fora do rancho. Não olho para trás. Eu apenas vou, para onde... isso realmente não importa.

Pela primeira vez na minha vida, eu sou livre.

Capítulo dois

Susan-Lee

"E a nova Miss Central Texas é..." minhas bochechas doem por manter o sorriso falso. Meus pés parecem instáveis enquanto os sapatos que uso cortam a pele. Mas usar saltos dois tamanhos menores faz isso.

Avisto minha mãe, as mãos no rosto enquanto o apresentador desfaz o envelope. "Senhorita Susan-Lee Stewart!"

Luzes piscam de câmeras e me bombardeiam, e canhões de confete explodem no ar acima do palco. Sinto o desapontamento das outras garotas, seu ciúme e tristeza enchem o ar. Flores são empurradas para minhas mãos, uma faixa pendurada ao redor do meu vestido rosa e uma coroa colocada sobre minha cabeça.

Sorrio e aceno como o robô que minha mãe me fez. Eu a vejo sorrir para mim do palco. Sorrir como se fosse *ela* quem venceu. Maldição, foi. Posso literalmente dar a mínima para essa vida.

Meus lábios começam a tremer quando o sorriso falso força os músculos do meu rosto. Meus olhos percorrem a multidão aplaudindo como se eu a visse de cima, do ponto de vista de outra pessoa. Meu coração acelera no peito e minha cabeça se perde.

Que merda estou fazendo aqui?

Meus pés vão para trás, depois de novo, até que viro e fujo do palco. Pela primeira vez na minha vida patética eu apenas corro, deixando o instinto assumir. Corro e corro; mesmo os saltos tortuosos cortando meus pés não me impedem.

“Susan-Lee! SUSAN!” Ouço a voz da minha mãe atrás de mim. Mas não derrete meu coração, não sinto culpa suficiente para parar. Aquela cadela fez da minha vida um inferno e cansei disso. Sua voz aguda e estridente me faz correr muito mais rápido, o hematoma em minhas costelas pulsa a cada passo.

Vejo um sinal de saída de incêndio e corro nessa direção. Largo as flores no chão, empurro a barra e corro para o sol brilhante. Fujo pelo beco e pego uma pequena estrada. Olho a esquerda e a direita, minha mão estendida, rezando para que alguém pare.

Não aguento mais um maldito dia dessa vida. Mais um dia de vestidos, bronzamento artificial... e os punhos da minha mãe.

Medo invade meu estômago quando ouço a voz de mamãe se aproximar. Então o rugido ensurdecedor de uma moto corta o ar. Freneticamente aceno a mão para o cara parar. Não acho que vá. A esperança é drenada quando vejo minha mãe se arrastar pelo beco, seu rosto tempestuoso e corado de raiva. Não importa se sou uma mulher adulta - ela é minha criptonita. Uma que desperdicei muitos anos tentando fazer me *amar*.

Ela é a única pessoa que me causa medo.

Em meu pânico, meus pés se atrapalham, os malditos saltos altos fazem meu tornozelo ceder. Tropeço no meio-fio e cambaleio para frente. Minhas mãos estendem para impedir a queda, quando meu quadril de repente bate em algo duro, o flash de dor me fazendo chorar. Leva apenas alguns segundos para perceber que é uma moto - uma motocicleta que anda lentamente ao meu lado. Duas mãos seguram meus braços, e



minha cabeça levanta, apenas para meus olhos colidirem com um tão azul que quase não parece real. "Jesus! Você quase me atropelou!" Digo, mas minha voz mal passa de um sussurro.

Uma gargalhada vem dos lábios do motociclista de olhos azuis. Mas sua risada desaparece quando olha por cima do meu ombro e a voz da minha mãe soa novamente. "Você vai subir ou o que, rainha da beleza? Parece que está tentando pegar uma carona."

Não preciso olhar para minha mãe para me ajudar a tomar a decisão. Eu nem me importo que o cara tenha a cabeça raspada com uma enorme cicatriz vermelha ao lado. Acabo de ver minha chance de liberdade e maldição, eu aceito.

Subo na traseira da Harley, envolvo meus braços na sua cintura e imploro: "Por favor. Vá!" Nós fugimos. Meu coração acelera no peito enquanto o motor ruge e o assento poderoso vibra debaixo de mim.

Olho para trás, o local desaparece de vista. Aperto meus braços ao redor da cintura do cara, e o cheiro de óleo e couro me cercam.

Cheira a liberdade.

Nós dirigimos. Montamos e cavalgamos até o sol começar a se pôr no céu. Sei que deveria estar preocupada. Especialmente quando vejo as tatuagens que cobrem esse cara. São a força branca. Já vi muitas coisas na minha vida. Ele pode me levar a qualquer lugar. Pode ser um assassino ou alguma merda. Um traficante. Ainda assim continuo aguentando firme. Isso é o quanto preciso ir para longe da minha mãe.

Não tenho certeza de quantas horas estamos na estrada, mas não estamos mais em Austin, com certeza. Com essa percepção, posso respirar de repente, o peso no meu peito sumindo pela primeira vez na vida.



O cara vira à esquerda e entra num motel. O sinal de néon vermelho zumbe, dizendo-nos que tem quartos livres. Minhas pernas estão dormentes quando ele se levanta. Meus dedos rígidos, como se foram soldados a sua cintura. Quando o motor morre, ele fica lá por alguns minutos. Não me mexo. Eventualmente, ele olha para mim. Tenho que engolir quando aqueles olhos encontram os meus novamente. "Vai se mover a qualquer momento hoje, rainha da beleza?"

Pisco, sua fala lenta me tira do transe. Jogo a perna pelo banco. Quando dou um passo para trás, realmente vejo o cara pela primeira vez. Engulo ao ver o tamanho dele, cada centímetro coberto de tatuagens.

Ele é *lindo*.

Seu lábio contrai quando olha para mim. Então o olhar vai para minha cabeça. Levo um minuto para perceber do que está rindo. Arranco a coroa da cabeça e a jogo no chão.

"Não é fã de coroas?"

"Foda-se, não", respondo. Seu rosto se ilumina com humor. Estendo a mão. "Susan-Lee."

Ele aperta a minha. "Tank."

"Posso ver porque tem esse nome, querido." Puxo minha mão para trás. "Obrigada pelo resgate. Foi muito necessário."

Tank assente, depois desce da moto. Ele parece ainda mais intimidador em pé. Porra. Ele parece *bom*. O rosto do cara é lindo. Seus olhos correm por meu vestido. "Você correu de um concurso ou alguma merda?"

Estendo os braços. "Querido, você está olhando para a nova Miss Central Texas." Seus olhos se arregalam. "Ou não. Imagino que minha façanha possa significar que abdiquei oficialmente do título."



"Você tem dinheiro?" Meu rosto empalidece. Tank nem sequer me deixa responder que não tenho. Não pensei em nada além de fugir daquele palco. Uma decisão numa fração de segundo. Ele enfia a mão no casaco e me entrega uma quantia.

"Não posso pegar isso!"

"Você está fugindo. Então, porra, vai precisar de dinheiro. Eu tenho."

"Por que *voce* está fugindo?" Solto.

Seu rosto congela. Ele empurra o dinheiro e o força na minha mão. "Cuide-se, rainha linda." Ele vira e entra na recepção. Eu o sigo. Quando entro, está pegando uma chave. Passa por mim com um aceno de cabeça e desaparece num dos quartos do lado de fora.

"Você quer um quarto, querida?"

Olho para a mulher atrás da mesa. "Sim. Obrigada."

Dez minutos depois, estou me olhando no espelho do banheiro. Meu cabelo está em tal estado que se minha mãe estivesse aqui, perderia seu sempre amoroso controle. Fecho os olhos, sinto seu punho fantasma bater em minhas costelas com minha falta de perfeição.

Quando abro meus olhos novamente, corro as mãos pelo meu cabelo até que cada fio preso caia...

... e sorrio.

Não posso negar que gostei do jeito que a calça de couro se agarra às minhas pernas. Maldição, não posso negar que parece

muito boa em mim, ponto final. A camiseta preta é como uma segunda pele. Lábios vermelhos e meu cabelo solto e liso combinam bem. Meus novos saltos soam na calçada enquanto caminho até o bar ao lado da estrada. Música country brota das paredes de madeira, e placas de neon para diferentes marcas de cerveja ocupam a maior parte das janelas.

Abro a porta e entro. Está meio cheio, cantos escuros escondendo a maioria dos ocupantes. Não é minha cena habitual, mas essa mamãe precisava de uma maldita bebida, e aqui no meio do nada, isso é o melhor que vou conseguir.

Ignoro os olhares e os poucos assobios de lobo que vem em minha direção. Toco no balcão e digo ao barman: "Um refresco, se tiver, querido."

"Nós temos cerveja e uísque, loira."

Faço uma careta. "Então, um uísque com gelo." Odeio uísque. Mas agora beberia gasolina se achasse que me ajudaria.

Escorrego no banco enquanto espero a bebida. Quando chega, bebo e tento não estremecer quando atinge minha língua. Sou mais do tipo de licor doce.

Sinto alguém sentar ao meu lado. Então uma mão pousa na minha bunda. Lentamente coloco minha bebida no bar, em seguida, viro para encará-lo. O cara é grande, com excesso de peso e tem um bigode. Uma maneira certa de fazer um cara parecer um idiota assustador - um bigode fodido.

Dê-me um pouco de pelos ou barba cheia. Não posso negar o quão bem essa merda parece entre minhas coxas.

Sua pele está coberta de suor. Isso quase me faz vomitar.

"Você pode querer remover a mão da minha bunda, querido", aviso.

Ele sorri e quero cuspir em sua cara. "Meio que gosto de onde está."

Empurro seu pulso e o braço cai.

"Coloque. A. Porra. Fora."

Estou voltando para minha bebida quando a mão dele bate na minha bunda novamente. Mais forte desta vez. O impacto me faz derramar o uísque. O idiota quer me machucar, e estou prestes a perder o controle.

Balanço, pronta para atacar o novo idiota, quando um braço descansa no bar entre mim e ele. "Tire a porra da mão ou vou quebrar sua maldita mandíbula."

Meus olhos se arregalam quando vejo a familiar cabeça raspada e a cicatriz.

"Foda-se, nazista", o idiota rosna e tenta me tocar novamente.

Tank não hesita. Ele não fala de novo, apenas afunda o punho no rosto do verme, e o babaca bate no chão. Mas meu interior cai quando outros caras ficam de pé. O canalha claramente tem amigos. Eles agridem Tank. Ele apenas sorri e move os enormes punhos. Faz parecer quase fácil. Risível. Até que um deles pega uma garrafa. Antes que possa fazer ou dizer alguma coisa, ele a acerta na cabeça de Tank. Meu coração acelera quando vejo o sangue brotar. Meu interior afunda e medo se espalha por minha pele. Medo por Tank e pelo que o envolvi.

Não deveria ter começado essa merda.

Os socos de Tank são implacáveis. E mesmo com os olhos cobertos de sangue, Tank luta com os caras até que estão no chão, gemendo e cobertos de sangue. Quando nenhum deles levanta novamente, ele pega minha mão e me puxa do bar. Não olho para trás; estou muito ocupada lutando contra

a sensação engraçada no meu peito ao sentir a mão áspera de Tank na minha. Ele me leva para sua motocicleta. "Vá em frente, rainha da beleza."

Nós saímos do bar e descemos a estrada para o motel. Quando estacionamos, Tank olha para mim e suspira. "Por que tenho a sensação de que você é problema?"

Sorrio e pisco. Porque sou, porra.

Deslizo da moto e bato no ombro de Tank. "Vamos lá, garoto grande. Preciso te limpar."

"Não, eu farei isso"

Viro para encará-lo, as mãos nos quadris. "Agora não vou aceitar um não como resposta, querido. Tire seus músculos da moto e me siga." Entro na recepção. Um garoto está atrás da mesa. Talvez dezesseis. Eu me inclino. Seus olhos vão imediatamente para meus seios. Sempre acontece quando se tem um peito deste tamanho. Meus peitos são malditos faróis. "Você tem um kit de primeiros socorros que posso pegar emprestado, querido?" O garoto se move embaixo da mesa e coloca um no topo. "Obrigada, querido."

Tank bufa uma risada atrás de mim. "Será com o que ele vai se masturbar hoje à noite", ele murmura baixinho quando passo por ele.

Gargalho e vejo algo acender nos olhos azuis de Tank quando digo: "Espero que ele não seja o único."

Ele ri mais alto. Lá está o maldito sentimento de luz no meu peito novamente.

O sangue no rosto de Tank faz com que pareça algo de um filme de terror. Bato no seu peito. "Vamos tirar o sangue de seu rosto antes de você dar pesadelos a criança."



Ando para o quarto. Tank me segue. Posso ver a hesitação em seu rosto quando olho para trás. Ele claramente não quer vir.

Caralho. Mas ele vem.

Quando entramos no quarto, aponto para o final da cama. "Sente. Camisa e jaqueta fora."

Tank para. Sua mandíbula cerra. Estou abrindo o kit de primeiros socorros quando percebo. Seus olhos perfuram o tapete vermelho puído. Ando e o faço me encarar. "Já vi o poder branco e tatuagens nazistas, querido. Então tire a camisa e casaco e me mostre esses músculos. As tatuagens não me assustam. Você não me assusta."

"Deveria."

Movo-me para o kit, ignorando a palavra murmurada. Demora alguns minutos para ouvir Tank suspirar e começar a tirar a roupa. Quando levanto a cabeça, encontro um peito largo cheio de tatuagem. Cicatrizes estão por toda parte. Branco e vermelho destacam os cortes nas suas tatuagens negras, fazendo sua pele parecer um mapa desbotado. Nenhuma parte minha acha que Tank teve uma vida fácil.

"Ainda está lá?" Pergunto enquanto o guio de volta para a cama. Minha mão mal cobre um quarto do seu biceps. Ele é alto o suficiente para que seu rosto esteja quase alinhado com o meu quando se senta. Ele balança a cabeça. Deixo escapar um suspiro de alívio. Ele está fora da Klan.

Ficamos calados quando começo a limpar o sangue de sua cabeça. Há um grande corte de lado. No lado oposto à cicatriz. Estou tão perto que posso sentir o cheiro dele de novo. É como uma extensão ambulante de sua moto - óleo e couro e é tão bom. O cara faz minha buceta apertar. Adoro sua aparência, cabeça raspada, tatuado e musculoso.



"Você esteve em torno do Klan?" Tank finalmente pergunta, sua voz rouca. Suas palavras me tiram dos pensamentos.

"Família", digo. "Primos e essa merda. Fui a algumas festas na casa em Waco quando adolescente." Dou de ombros. "Mamãe e papai também estavam perto de alguns homens da Klan. Não membros no papel, é claro, mas com certeza me matariam se eu voltasse para casa com um namorado negro ou mexicano." Olho Tank. "Papai morreu anos atrás, mas mamãe provavelmente te aprovaria."

"Bom saber."

Coloco um pouco de água oxigenada numa bola de algodão. "Isso vai doer." Pressiono o algodão no corte. Tank nem sequer recua. Mas eu o faço quando suas mãos chegam à minha cintura. Seus polegares correm por meus quadris. Posso falar por todo o Texas, mas o toque desse cara cala minha maldita voz.

Eventualmente pergunto: "Conseguiu essa cicatriz com a Klan?"

Tank olha para mim. As mãos parando em meus quadris. "Prisão."

Assinto. "Está fora há muito tempo?"

"Dois dias."

Meus olhos se arregalam. "E quando deixou a Klan?"

"Ontem."

"Ah." As coisas começam a fazer mais sentido. "Ficou muito tempo na prisão?"

"Três anos."

Recuo, passo para o corte em sua bochecha e lábio. Ele recebeu alguns socos no rosto. "Quer uma bebida?" Nem sequer

espero, só pego a vodca do frigobar. Comprei suprimentos com o pouco do dinheiro que Tank me deu. Bem, comprei roupas e bebidas.

Tank desenrosca o topo e bebe um pouco. Estende a garrafa para mim. "Bebida? Sempre pronto para ficar bêbado, querida."

Sigo o exemplo, tomo goles enormes, em seguida, entrego de volta a ele para poder trabalhar em seus cortes. Posso sentir os olhos de Tank em mim o tempo todo. "Aí", digo e tomo mais goles de vodca. Levanto minha mão e acaricio a cicatriz na base.

"Luta na prisão?"

"Mais um adeus Klan." Meus olhos se arregalam. "Deveria ajudar em um assassinato na prisão. Eu não fiz. Essa foi minha recompensa."

"Que merda, querido." Balanço a cabeça e sento ao lado dele. "Então? O Klan está atrás de você agora ou algo assim? É por isso que você fugiu?"

"Não. Tenho um amigo que me ajudou a sair. Meu melhor amigo. Ele tirou tudo das minhas costas. Não esperava isso." Pego a vodca novamente e a puxo. A sala está começando a girar... Amo esse sentimento.

Isso me deixa com um tesão do caralho.

Deito na cama. Tank me olha e deita também, apoiado no cotovelo. Tem perguntas em seu olhar. "Você vai voltar?"

"Foda-se não", digo, e sorrio quando Tank imediatamente me devolve a garrafa. Devo ter um tom de desespero por álcool na voz. Bebo um bom gole e me aproximo de Tank. Encaro um enorme sinal SS no centro de seu peito. Estendo a mão e traço as letras pretas com o dedo. Sua pele treme sob meu toque. Quando olho seu rosto, ele passa a língua ao longo do lábio inferior. Eu gosto. Então continuo a circular as letras. "Minha mãe é uma

psicopata. Sempre foi. Mas ficou pior quando meu pai morreu.” Levanto minha blusa e mostro meu estômago. Os olhos de Tank estreitam ao ver meu corpo, e vejo seu pau endurecer nas calças... até que levanto alto o suficiente para ele ver. Ele congela quando vê o hematoma roxo. “É incrível o que maquiagem pode cobrir nos dias de hoje.” Lambo meu polegar e passou em cima do meu olho. Sei que a maquiagem dará lugar a essa contusão também. Assim que estou prestes a baixar a blusa, Tank passa os dedos sobre a pele das minhas costelas. Mordo meu lábio, mas não com a dor. É por minha buceta pulsar sob seu toque.

Aqueles dedos, a vodca e a visão de seus músculos e tatuagens me excitam. Sou uma garota com um apetite saudável. Gosto de ter minha buceta acariciada e preenchida. E agora, tenho pensamentos realmente confusos sobre Tank.

“Por que ficou?”

Dou de ombros. “Não queria que ficasse sozinha depois do papai. Sua morte a destruiu. Ela teve uma vida ruim enquanto crescia. Não foi muito melhor como adulta. Quis fazer isso melhor para ela. Ela queria muito que eu fosse a Miss América. Então fui junto com tudo para fazê-la feliz. Dediquei minha vida a isso, esperando que ela me amasse, tratasse melhor. Mas a simpatia que senti por ela uma vez não existe mais. Agora dou uma merda. Aquela cadela pode apodrecer no inferno. Há um tanto que alguém pode aguentar antes de não querer mais nada.” Os dedos de Tank começam a se mover por meu estômago... e mais baixo. Minha respiração falha. “Vai a algum lugar com esse dedo aí, querido?”

Seu lábio curva para o lado. “Você é linda pra caralho, rainha da beleza.”

Seguro sua mão e sento. Tank assiste a todos os movimentos que faço. O cara esteve trancado por três anos. Saiu há dois dias. Deve estar explodindo por uma foda.

Beijo cada dedo, então, quando a boca dele está a um centímetro da minha, empurro sua mão na minha calça e digo: "Gosto de ter minha barriga acariciada tanto quanto qualquer garota, querido, porém, prefiro sentir esses dedos na minha buceta."

Tank faz uma pausa, sua boca abrindo com minhas palavras. Então ele faz exatamente como disse. Corre os dedos sobre minha calça, tocando minha buceta através do tecido, a sensação de seus dedos entre minhas pernas envia arrepios por todo meu corpo. Coloco a mão ao redor de seu pescoço, e nossas bocas se encontram. Provo o ligeiro gosto de sangue na minha língua, mas desaparece, tomado pelo tabaco e vodca. Tank não me dá o controle por muito tempo. Ele me rola de costas e me sufoca com seus enormes músculos. Envolvero as pernas em sua cintura, braços apertados em seu pescoço. A língua de Tank luta contra a minha, nossa respiração pesada.

O álcool percorre minhas veias. Afasto-me de sua boca, ficando em cima dele. Ele sorri quando monto sua cintura e olho para baixo. "Quantos anos você tem, querido?"

Tank sorri maliciosamente. "Acha que sou chave de cadeia?"

Rastejo sobre seu torso nu. Tank geme e cerra os dentes ao me olhar. "Vinte e três."

Eu sorrio. "Então espero que goste de mulheres mais velhas."

Tank agarra minha cintura e me deixa de costas novamente. "Porra, eu amo." Então ele me beija. Os lábios de Tank são macios contra os meus. Surpreende-me quão suave. Ele é tão grande e áspero, com aquela voz profundamente rouca. Tem gosto de hortelã e vodca.

Estou instantaneamente viciada.



Tank se afasta da minha boca, deixando-me desesperada para tê-lo de volta. Ele sorri, claramente vendo minha necessidade por seu gosto. Mas não me beija novamente; em vez disso, puxa minha camiseta sobre a cabeça para revelar o sutiã preto que mal contém meus seios. "Porra", ele geme. Segura um dos seios com a mão e, em seguida, estende a mão entre eles para soltar o fecho da frente.

Porra, ele sabe o que está fazendo.

Meus seios saltam livres, e ele imediatamente toma meu mamilo direito na boca. Seguro-o com mais força quando sua língua molhada me faz gemer. Seu pau esfrega contra meu clitóris.

Ele está me deixando louca.

"Tire minha calça", digo. As mãos de Tank se movem para minha cintura e ele abre o botão. Levanto minha bunda para que ele possa puxá-la para baixo. Ele puxa minha calcinha preta com a calça. Deve concordar que não há tempo para admirar a porra da minha calcinha, embora *seja* sexy pra caralho.

Tiro minha calça e sinto os dedos de Tank deslizarem ao longo dos lábios da minha buceta. Arrepios percorrem minha espinha. Mas também preciso dele nu. Abro seu jeans e o puxo. Lambo meus lábios quando seu pau longo e grosso bate contra seu estômago.

"Merda, querido. Você é dotado!"

Tank claramente não está com vontade de conversar sobre o tamanho de seu pau. Ele se arrasta pela cama e abre minhas pernas com as mãos calejadas. Seus olhos se concentram na minha buceta enquanto seus dedos circulam o clitóris. Coloco minha mão na parte de trás de sua cabeça, apenas no caso dele tentar ir para qualquer outro lugar. "Tão bonita, porra", ele murmura, e então passa a língua quente na minha entrada para

o clitóris. Minhas costas se arqueiam para fora da cama. Mas ele não para. Apenas continua, lambe meu clitóris com a língua, dentro de mim e me faz perder a porra da cabeça.

"Tank... Porra", grito quando minhas pernas começam a tremer.

"Você tem um gosto perfeito, rainha da beleza." Ele empurra dois dedos em mim. Contorço-me e bato no colchão. Minhas unhas afundam no couro cabeludo raspado de Tank, mas ele nem sequer se mexe. "Goze, querida", apresso-me quando sua língua toca meu clitóris e seus dedos batem no meu ponto G. Minhas pernas tremem mais e meus olhos fecham enquanto me afasto, o orgasmo assumindo todo meu corpo. Tank não para, apenas continua lambendo até que empurro sua cabeça para longe, sorrio e grito quando não aguento mais.

"Chega!" Grito. Tank se afasta para dar outro gole da garrafa de vodca que foi descartada na cama ao nosso lado. Ele traz sua boca para a minha. No minuto em que abro meus lábios, vodca enche minha boca e escorre pela minha garganta. Mal tenho tempo de engolir antes que a língua dele esteja na minha boca, batendo contra a minha. Gemo; estou mais molhada neste segundo.

Empurro o peito de Tank e o deito de costas. Pego a vodca e tomo três longos goles. Jogo um na boca de Tank, devolvendo o favor, em seguida, deixo uma trilha de bebida por seu estômago definido. A vodca se acumula em seu abdômen. Gemendo com a visão, abaixo minha cabeça. Lambo a vodca com a língua, antes de beber do seu abdômen até o peito largo. Meus lábios se curvam num sorriso quando o vejo me olhar, com os braços cruzados atrás da cabeça.

Mas sua respiração rápida me diz que ele não está tão calmo quanto parece.

"É bom pra caralho, rainha da beleza." Suas pupilas aumentam.

Abaixo a cabeça, belisco e lambo meu caminho até seu pau. Faço uma pausa quando chego à ponta, a cabeça já molhada da vodca. O peito de Tank sobe e desce com antecipação. Sem quebrar o contato visual, lambo seu pau, fazendo um círculo preguiçoso ao redor da cabeça. "Foda-se!" Tank rosna e fecha a mão no meu cabelo. Estou muito excitada. A vodca, a liberdade, e o fato de ter esse tipo de animal sem fôlego debaixo de mim me deixa alta como uma pipa.

Com lambidas suaves e gentis, provoco e provoco até que os músculos da coxa de Tank estão tensos. "Rainha..." ele murmura, incapaz de terminar a frase com seu habitual "beleza". Quero mais. Sua mão agarra meu cabelo tão apertado que gemo. "Bela..." Tank diz novamente. "Linda...-"

Suas palavras param quando engulo seu pau, levando-o diretamente até o fundo da garganta. "Merda", ele geme, empurrando os quadris me fazendo tomar mais dele. Eu pego. Chupo, giro minha língua ao redor da ponta e ao longo das veias e sulcos. E não desisto. Trabalho com ele mais e mais rápido a cada segundo que passa. Não consigo sentir o gosto dele na minha língua, e quero engolir cada pedacinho de gozo.

"Foda-se." Tank empurra minha cabeça de seu pau. "Eu vou gozar se não parar." Continuo, viciada em seu gosto. "Não", ele diz, então me pega como se eu não pesasse nada. Ele esmaga sua boca na minha. "Quero foder você, rainha da beleza. Quero estar dentro dessa buceta quente quando gozar."

Envolvo as pernas em sua cintura e roço minha buceta contra seu pau duro. "Então me foda e pare de falar sobre isso."

Tank resmunga, depois estende a mão para a calça jeans descartada e tira um preservativo. Eu o seguro, meus braços em

volta de seu pescoço, enquanto rasga a embalagem. Deito de costas no colchão, as pernas abertas e espero enquanto ele envolve seu pau grande. Ele se arrasta e me joga de barriga.

Grito de surpresa, sorrindo quando caio no colchão debaixo de mim. Os braços de Tank engancham sob meus ombros e sua boca chega ao meu ouvido. "Prepare-se, rainha da beleza."

Abro minhas pernas e viro a cabeça, dizendo contra seus lábios. "Você se prepare, garoto grande. Nunca teve uma buceta tão apertada quanto a minha."

Tank sorri do meu lado, em seguida, entra em mim com um longo golpe. Gemo, minha testa caindo no colchão. "Foda-se!" O peso de Tank pressiona contra mim, o estômago duro nas minhas costas. E ele faz como prometeu. Não para. Ele me fode no colchão. Não é lento e estável; é primitivo, cru e selvagem... exatamente o que preciso.

A bebida no meu estômago faz minha cabeça rodar. Agarro os travesseiros enquanto gemido após gemido escorrega dos meus lábios, juntam-se aos gemidos de Tank. Reviro meus quadris, devolvendo o quanto recebo. Tank aumenta seu aperto em mim, então de repente sai e me rola, apenas para colocar minhas pernas em seus ombros e afundar em mim novamente.

"Cristo! Sim!" Gemo. minha cabeça inclinando para trás quando minhas pernas começam a tremer. As mãos de Tank se movem para meus seios, apertando-os. "Esses peitos..." Ele rosna, empurrando mais rápido quando aperto em torno de seu pau.

"Eu vou gozar..." Digo, minhas mãos segurando a cabeceira enquanto ele implacavelmente me leva, mais e mais até que não sei meu próprio nome. Tank bate em mim mais uma vez, então paro e deixo o orgasmo me dominar. Deixo minhas mãos caírem e afundo as unhas nele com tanta força que corto sua pele

tatuada. Abro meus olhos para ver os de Tank fecharem e seus dentes cerrarem.

Ele bate em mim uma última vez e goza, um longo gemido. Um "Foda-se!" Escorrega de seus lábios.

Não consigo tirar os olhos dele enquanto me fode, diminuindo a cada impulso. Não consigo afastar meus olhos quando os seus se abrem e avisto o azul brilhante. Ele prende a respiração enquanto me olha, um sorriso em seus lábios.

"Você tem uma buceta doce, rainha da beleza." Ele sorri mais. "Isso valeu três anos de espera."

Gargalho, arrepios se espalham por minha pele pela sensação dele ainda dentro de mim. "E você tem um pau doce, querido."

Tank se inclina e me beija, rindo contra os meus lábios. Escorrega de mim e deita ao meu lado. Rolo para encará-lo, traçando uma tatuagem de caveira em seu braço. Sua pele está molhada de suor e bebida. "Sobrou vodca?" Pergunto.

Ele pega a garrafa do chão. Há um gole para cada um no fundo. Cada um de nós dá seu gole e joga a garrafa no chão. Tank rola a cabeça no travesseiro para me encarar. "Pensei que as rainhas de beleza deveriam ser virgens e apropriadas. Não que aceitem membros da Klan condenados e falem loucuras sobre bucetas e paus."

Inclino-me no cotovelo.

"Primeiramente, ex-membros da Klan. E em segundo lugar, não sou mais uma rainha da beleza. Tem que parar com esse apelido agora mesmo."

Ele sorri. "Vou ficar com Beauty² então."

² Bela, linda.



Reviro os olhos, mas meio que amo isso. Melhor que Susan-porra-Lee. Apoio meus braços no peito de Tank. "Posso ser uma rainha da beleza, mas não sou um anjo." Gargalho. "Vamos apenas dizer que desde tenra idade aprendi a sair pela janela e me divertir. A merda da rainha da beleza é uma máscara que uso para minha mãe. Não sou a Virgem Maria. Gosto de sexo e não tenho vergonha de dizer isso."

"Quando era jovem...?" Tank diz. "E quando foi isso?"

"Ah." Balanço a cabeça. "Você quer saber quantos anos tenho?" Tank dá de ombros. "Quarenta", digo, e observo seus olhos se arregalarem. Paro por um segundo, até que solto uma risada e rolo de costas. "Merda, querido, deveria ver seu rosto!"

Tank prende meus braços acima da cabeça e cobre meu corpo para que eu não possa me mover. Há luz em sua expressão. Uma boa mudança. Parece haver um mundo inteiro de escuridão se escondendo atrás dos olhos azuis brilhantes. "Quantos anos?" Ele esfrega seu pau semiduro ao longo dos lábios da minha buceta, fazendo-me tremer.

Ele é viciante.

Mordo meu lábio quando o calor inunda minha buceta novamente. Quando ele se afasta, estendo a mão para envolver meus braços em sua cintura, luto para trazê-lo de volta para terminar o que acabou de começar. Ele levanta a sobrancelha, seu corpo enorme não se move um centímetro, esperando-me responder. "Tudo bem!" Digo. "Vinte e cinco! Tenho vinte e cinco."

Tank rola de cima de mim. Embora sua mão permaneça no meu estômago. Possessivamente. Eu gosto. "Apenas dois anos. Quase uma tigresa."

Dou de ombros. "Foi divertido arrebentar suas bolas."

Tank agarra meus braços, beijando-me, depois me solta novamente. Sorrio, gosto que ele queira me beijar. "Então o que fará agora?"

Tank suspira e as rugas nos olhos se juntam. A escuridão que posso ver viver dentro dele está de volta sob seus olhos brilhantes. "Nenhuma ideia do caralho. Continuar andando por um tempo. Dar aos meus ex-irmãos algum tempo para me esquecer." Pergunto que histórias tem de seus dias na Klan. Pergunto-me o que ele fez, o que está em sua mente. Por que foi embora?

O que fez para acabar na prisão.

Deitada aqui, não posso imaginá-lo fazendo nada de mal. Mas o jeito que lidou com o idiota e seus amigos no bar me diz que ele é letal sob o sorriso doce.

"Sua mãe foi ruim para você?" Sua pergunta me pega desprevenida. Balanço a cabeça, perguntando-me onde ele vai com isso. "Você tem vinte e cinco..." Suas palavras se arrastam. Mas tem o subtexto. *Por que merda ficou?*

A vodca subitamente desaparece completamente do meu sistema. "Porque eu a amava." Gargalho, mas há um humor fodido no som. " *Eu a amo.*" Suspiro. "Mas ela é uma sanguessuga. Tudo o que faz é tomar. Nem tenho certeza porque infernos ela quis uma criança. Talvez para viver sua vida através de mim. A fracassada rainha da beleza." Tank afasta meu cabelo. "Quando meu pai morreu, acho que a última partícula de bondade nela também morreu. Não havia muito lá para começar." Olho para o nada. "Mas ela é tudo que me restava, então fiquei." Balanço a cabeça. "Mas no palco ontem... não sei o que aconteceu. Cheguei ao limite. Vi o rosto dela, senti as contusões que passei horas escondendo, e só sabia que estava acabado. Ela está sozinha... mas não consigo me imaginar voltando. Ela não me merece."



Um minuto ou dois de silêncio se seguem.

"Você tem um grande coração, Beauty."

Engulo, mas depois olho em seus olhos. "E você tem um grande pau."

Os olhos de Tank se arregalam, mas ele luta com um sorriso. "As duas coisas são boas."

"Amém!" Ele ri. "Então..." inclino a cabeça de lado. "Quer companhia enquanto viaja e apenas 'segue em frente'?" Meu coração de repente bate rápido no peito, e percebo que estou nervosa com sua resposta. E sei porque. No fundo, realmente não quero ficar sozinha, tanto quanto possível.

Penso - *espero* – que talvez que ele também não queira.

"Não sou um bom homem", ele diz, seu rosto fecha com uma expressão que me diz que é verdade. A luz desaparece dos olhos azuis e seus lábios diminuem.

Eu o estudo. Realmente estudo. A cicatriz, as tatuagens, a merda do poder branco que sei que deveria me incomodar... mas ele disse que saiu. O que me diz que há mais para ele do que pensa. E volto a pensar naquela noite, no bar, em como veio em meu socorro.

"Acabei de foder com você um dia depois de conhecê-lo. Talvez eu não seja uma boa garota."

"Você é", ele diz imediatamente. "Você é boa."

Um carço entope minha garganta. Não sei por que, mas uno meus dedos aos dele. Levo as costas da mão aos meus lábios e observo a pele cicatrizada. Sem soltar sua mão, subo para montar seu colo. A mão livre de Tank agarra minha bunda, mantendo-me no lugar. Ele olha diretamente nos meus olhos. "Vou com você", digo. Inclino-me para frente e beijo seu



lábio, que está começando a inchar pela briga no bar. Dou de ombros. "Do jeito que vejo, recebo proteção de um deus selvagem e musculoso, e você fica com uma bucinha de graça. O que há para considerar?"

A mão de Tank aperta a minha, e um sorriso finalmente puxa seus lábios. "Nada", ele suspira, balançando a cabeça. "Porra nenhuma."

Sorrio e desço minha buceta nua ao longo de seu pau grosso. "Então, que tal uma foda comemorativa?"

Tank me vira de costas, tocando meu clitóris com o dedo e diz: "A melhor porra de bunda bonita."

Então nós fodemos.

Capítulo três

Tank

Quatro meses depois . . .

Eu paro minha moto do lado de fora da lanchonete e espio dentro do trailer prateado comprido. Um largo sorriso me recebe da janela mais próxima. Eu balanço o queixo e sinto o fogo correr pelo meu peito, aquele que sinto todo dia há quatro meses. Um minuto depois, a porta se abre e a porra de um mulherão em um uniforme de garçoneiro rosa apertado sai do restaurante e desce os degraus que a levam até mim.

Braços vêm ao redor do meu pescoço e um par de lábios vermelhos encontra os meus. "Querido", Beauty sussurra contra a minha boca.

Eu bato na sua bunda. "Sobe nessa porra. Vamos passear hoje."

Beauty sobe na parte de trás da minha moto e enrola os braços na minha cintura. Sua língua passa atrás da minha orelha. Aperto minhas mãos no guidão enquanto meu pau empurra contra o meu jeans. A cadela me deixa duro cada vez que me toca.

E ela sabe disso. A mulher é uma completa provocadora.

Estico a mão atrás de mim e coloco minha mão diretamente na sua buceta. Beauty geme na minha boca. Afasto a mão e me

certifico que seus olhos azuis estão fixos nos meus enquanto passo a língua ao longo de cada dedo. Ela geme e morde o lábio. Agarrando meu rosto, ela me beija com força. "Eu nunca tenho o suficiente de você."

Eu sorrio e volto para a minha moto. Levantando o suporte, sigo para a rua, sentindo os seios grandes de Beauty pressionando minhas costas.

Ela disse que não tem o suficiente de mim, mas eu não consigo largar a porra dessa mulher. Desde a noite da briga no bar, ela não saiu do meu lado. Ficamos em cidades pequenas, algumas semanas em cada, pegando trabalho onde conseguimos, apenas nos movendo, andando de moto e fodendo. Ela e suas unhas vermelhas compridas cavaram seu caminho na minha alma fodida.

Minha mulher não vai para lugar nenhum.

Beauty me aperta ainda mais quando aumento a velocidade, correndo pela loja de motos onde consegui trabalho. É uma merda, e as motos que vem não são boas para se trabalhar. Mas nós sairemos daqui em breve, para qualquer cidade em que a gente chegue.

Nós andamos por uma hora, parando em uma área de descanso no meio do nada. "Eu preciso fazer xixi, querido!" Beauty grita no meu ouvido. Reviro os olhos enquanto ela desce da moto no minuto em que paro e desfila com os saltos altos estalando na calçada, para o edifício decadente.

Acendo um cigarro e dou uma tragada, depois vejo um cara do outro lado da área de descanso. Ele é um puto grande usando uma jaqueta de couro, com cabelos escuros compridos e um cigarro na mão. Ele está encostado em uma Harley Fat Boy, e eu quase me empolgo com a beleza daquela máquina.



Fumaça sobe do motor. "Buceta da porra!" O cara grita e joga seu celular. Ele espatifa no chão. Eu olho para o banheiro. Não há sinal de Beauty. Ando em direção ao cara e sua moto. Aqui, o serviço de celular é péssimo. Ele está preso.

E eu daria o meu rim esquerdo para trabalhar em uma moto dessa.

Estou a apenas alguns metros de distância quando ele puxa uma arma, seus malditos olhos cor de avelã me encarando. "Mais um passo, nazista, e eu explodo a porra do seu crânio."

Conforme levanto minhas mãos, vejo a jaqueta dele. *Porra*. Os Hades Hangmen. E não é apenas qualquer membro, mas a merda do presidente da seção de Austin. O capítulo mãe.

O psicótico vira o pescoço de um lado para o outro, a arma ainda estendida. Seus olhos nunca me deixam enquanto ele continua fumando como se não estivesse prestes a me matar no local. Ele joga a ponta do cigarro no chão. "Quem te mandou?" Ele pergunta, a voz excitada com a morte.

Reaper, está na jaqueta. *Reaper Nash*.

Eu mantenho a calma. "Ninguém me mandou. Não estou mais com o Klan."

Reaper levanta a sobrelanceira. "Sua tinta diz o contrário." Seus olhos se estreitam. "Achou que pudesse me pegar sozinho? Que poderia me matar sem meus irmãos?" Ele sorri, mas é frio pra caralho. Ele se aproxima cada vez mais até que o cano de sua Glock pressiona contra o meio da minha testa. "Tenho notícias para você, Klan filho da puta. Você não vai me matar. Eu mato pedaços de merda como você só por diversão de domingo de manhã."



"Não estou mentindo." Eu engulo em seco. "Eu costumava estar com o Klan..." paro, mas depois penso que poderia contar a ele. "Austin. Mas sai há quatro meses. Não vou voltar."

Seus olhos castanhos brilham. "Um dos Landry's?" Eu concordo com a cabeça. "Por que você saiu?"

"Odeio aquele puto."

Reaper me avalia, sem mexer a arma. "Você tem informações sobre eles?" Sua cabeça inclina para o lado. "Você sabe que Landry sai logo." Meu estômago se contorce. Eu não quero falar nada sobre minha antiga irmandade. Tanner... eu não trairia meu melhor amigo dessa maneira.

"Vi que você teve problemas com a moto. Sou mecânico. Especialista em Harley." Levanto meu queixo para sua moto. Reaper olha para mim e foda-se se eu não vejo a promessa de morte em seus olhos.

"Tank?" A voz de Beauty vem de trás de mim. Está tremendo.

"Quem diabos é essa vagabunda?"

Raiva me rasga. "Minha Old Lady", digo com os dentes cerrados. Eu conheço o suficiente sobre a porra dos Hangmen para imediatamente tomar posse da minha mulher. Eu não olho para trás, mas digo, "Está tudo bem, baby. Fique para trás."

Eu não tenho a mínima ideia se Reaper acredita em uma palavra do que digo, mas ele recua a Glock e indica a cabeça na direção de sua moto. "Conserte. Então veremos se eu deixo você viver ou não." Ele sorri, um sorriso doentio e fodido. "Se você estragar tudo, será apenas mais uma das minhas doações para o barqueiro."

"Beauty, pegue minhas ferramentas na minha moto." Os saltos de Beauty estalam no chão. Quando ela entrega as



ferramentas para mim, vejo as lágrimas em seus olhos. "Vai ficar tudo bem", digo, sem saber se essa merda é verdade. Eu inclino meu queixo, dizendo a ela para voltar. Para ficar longe.

Eu olho por cima do meu ombro para Reaper, que acendeu outro cigarro. Ele segura sua Glock ao seu lado, pronto para me enviar para Hades. Eu me abaixo e em minutos encontro o problema. "Seu injetor de combustível está fodido."

Reaper não diz nada por um segundo. Então, "Conserte."

Fecho meus olhos e respiro fundo. Olho para Beauty. Não há nenhuma maneira que eu vá perde-la. Pode ser consertado o suficiente para ele chegar em casa. Mas eu sei sobre o Reaper. Um maldito assassino de sangue frio. Mata por diversão, e ele fez do capítulo mãe dos Hangmen a gangue mais violenta e temida de todo o Texas. Porra, em todos os estados. Landry nunca chegou perto dos Hangmen por um motivo.

Há rumores de que o puto até matou sua própria mulher na frente de seu filho mudo.

Minha vida pode depender de quanto o filho da puta está bravo neste segundo.

Eu tenho que trabalhar. Uma hora depois, a moto está consertada provisoriamente. Eu me levanto e ando para trás. Reaper anda, calmo pra caralho, até a moto e se abaixa, olhando o meu trabalho. Eu sou bom. Bom pra caralho. Eu sei que é o melhor trabalho que ele já viu.

Reaper se levanta e assopra a fumaça do cigarro na minha cara. Ele liga o motor. A Fat Boy ronrona. Eu levanto minha sobancelha. "Meio-dia amanhã. Propriedade dos Hangmen. Esteja lá." Reaper olha de novo para Beauty. "Deixe a peituda em casa."

"Não planejo voltar para Austin."



Reaper sorri. É tudo menos um bom sorriso. "Não estou perguntando, nazista. Estou no negócio de *dizer*, e estou lhe dizendo para levar sua bunda nazista para o complexo amanhã." Ele coloca outro cigarro na boca e toma um gole do bourbon que estava em seu alforje. "Ninguém toca nos Hangmen ou em qualquer um em nosso complexo, você está se comportando como um filho da puta chorão sobre rever sua antiga irmandade." Seu sorriso se alarga. Mais louco. "Embora eu sempre gosto quando eles tentam."

Ele voa pela estrada de volta para Austin. Eu respiro rapidamente e me viro. Beauty se lança em meus braços. Suas pernas envolvem minha cintura e seus braços estão apertados em volta do meu pescoço. "Está tudo bem, baby", digo, mas sinto suas lágrimas contra o meu pescoço. Ela não solta. Em vez disso, ela se afasta, dando-me uma olhada com seus olhos azuis e depois aperta seus lábios nos meus. Suas unhas vermelhas compridas arranham minha jaqueta, depois minha camisa. Eu ando para frente até tê-la contra a parede.

Sua mão corre pelo meu pau e eu gemo em sua boca. Ela está desesperada, frenética pra caralho quando se atrapalha com o meu zíper e puxa meu pau. Eu não espero. Empurro sua calcinha para o lado e deslizo-o para dentro. A cabeça de Beauty vai para trás quando entro nela. Seus gemidos vagam pela área de descanso deserta. Eu aperto meus lábios nos dela e solto um gemido quando sua língua empurra minha boca.

Eu fodo Beauty forte, sua buceta segurando meu pau. Minha cabeça cai em seu ombro quando ela goza, sua buceta apertada me levando com ela. Eu empurro nela mais três vezes antes que ela caia em meus braços. O suor escorre pelas minhas costas. Eu olho para Beauty. Suas mãos estão imediatamente no meu rosto e meu coração se parte quando vejo as lágrimas em suas bochechas.



Eu ia dizer uma coisa, dizer a ela que está tudo bem, quando ela sussurra, "Eu te amo." Meu fôlego fica preso no meu peito. "Você sabe disso? Eu me apaixonei por você, querido."

"Eu sei." Eu a seguro com mais força. "Também te amo, rainha da beleza."

Ela ri do seu antigo apelido, mas depois as lágrimas começam a cair novamente. "Eu estava com tanto medo", ela sussurra.

"É a minha vida, baby." Beauty pisca para mim. Eu saio de sua buceta e coloco sua calcinha de volta no lugar. Antes que possa soltá-la, Beauty se abaixa e me coloca de volta no meu jeans, fechando-o.

"Eu não queria que você me soltasse."

Porra... esta mulher...

Agarrando-a com mais força, inalo seu perfume floral. "Você não me conhecia quando eu estava na Klan." Eu respiro fundo. "Eu matei antes. Você sabe disso, certo?" Eu não disse a ela porque estava na prisão. Não disse realmente nada sobre o meu passado.

Os olhos de Beauty se arregalam, mas depois seus ombros caem. "Sim ... Eu sei."

Eu levanto Beauty e a carrego para o limite da terra atrás da área de descanso. Encosto contra uma árvore, mantendo-a no meu colo. Ela deita a cabeça no meu peito. "Eu sinto falta disso", digo e Beauty congela.

Ela olha nos meus olhos. "Do Klan?" Sua voz está cheia de medo.

"Estar em uma irmandade." Solidariedade rapidamente substitui o pânico em seu rosto. "Não fui feito para esta vida,



pulando entre cidades, sozinho." O rosto de Beauty empalidece e ela se mexe para levantar. Eu a paro. "Nós não somos. Você tem uma personalidade muito grande para ficar presa nesse tipo de vida. Sem amigos."

"Eu quero *você*."

"Você me tem. Para sempre." Eu a seguro. "Mas nós vamos para Austin."

Beauty olha para a floresta atrás de nós. "Eu conheço os Hangmen, Tank. Eles são insanos pra caralho." Ela passa a mão pela minha testa, depois beija o centro. "Esse babaca colocou uma arma na sua cabeça."

Não posso deixar de sorrir. "Aquele idiota é o pior filho da puta que já ouvi falar."

"E nós vamos até eles amanhã de qualquer maneira?"

Nós. Porque ela nunca irá a lugar nenhum sem mim novamente. "O Reaper Fodido Nash diz para você estar em algum lugar, você chega uma hora mais cedo com um sorriso no rosto. Eu não vou mexer com os Hangmen. Eles têm uma loja de motos. Talvez seja isso. Talvez haja uma oferta de emprego."

Beauty fica de pé, depois olha para mim por alguns segundos. "Depois nós faremos uma longa jornada de volta ao ATX." Eu levanto e beijo seus lábios. "Eu preciso pegar minhas coisas no motel e colocar minhas roupas de couro."

Conforme ela caminha até a moto, eu a puxo de volta para mim, seus seios pressionados contra o meu peito. Eu seguro seu queixo com a mão livre. "Mas a calcinha fica. Quero saber que meu espermatozoide ainda está dentro de você quando nós andarmos de moto."



"Cuidado, querido", ela avisa quando se afasta de mim e se dirige para a moto. Ela olha para mim por cima do ombro. "Ou ninguém vai para Austin amanhã."

Eu sorrio, pego minha moto e nos levo para pegar nossas coisas. Nós temos um encontro com o Reaper para manter.

Eu olho para cima para o prédio, uma pintura de Hades, o emblema dos Hangmen, olhando para mim. O portão se abre e eu entro. Alguns caras estão espalhados pelo quintal. Esta é a entrada da loja de motos. Nenhum filho da puta atravessa a entrada principal, a menos que você seja intimado. Descobri isso quando entrei pela primeira vez no Klan e um bando de novatos pensou que poderia enfrentar este clube. Queria cair nas boas graças de Landry. Nenhum daqueles idiotas voltou vivo. Reaper enviou a fita de segurança deles sendo espancados até a morte por ele e seu VP para o rancho para nossa diversão.

"Você é o nazista?"

Eu inclino a cabeça para o lado para ver um cara enorme de aparência samoana olhando para mim. Ele tem tinta em todos os lugares, até mesmo no seu rosto. Ele usa jeans e uma regata. Ambos cobertos de óleo.

"Ex", digo e olho para o filho da puta de volta. Ele ergue a sobrelanceira como se não acreditasse em uma palavra que eu digo.

"Reaper disse que você consertou a moto dele." Não é uma pergunta. O samoano se afasta e eu o sigo. Eu passo por algum filho da puta com cabelo ruivo comprido, que me dá uma saudação nazista quando passo, em seguida, sopra um beijo.



Puto.

Chegamos à garagem, onde estão três Harleys. O samoano aponta para uma Glide Street no canto. "Você conserta essa até o final do dia e terá um emprego." Excitação explode nas minhas veias. O cara vai até a Fat Boy do outro lado da loja. É quase idêntica à que Reaper montava ontem.

Eu olho para cima. "Você tem um nome?"

O cara olha de volta. "Nenhum da porra."

Suspiro, pego minhas ferramentas da moto e começo a trabalhar.

O samoano confere tudo em volta da moto. Quando se levanta, ele me olha com a morte nos olhos. "Você tem um problema com alguém fora da raça branca suprema ou o que diabos vocês afirmam ser?"

"Eu tive. Então não tive. Tive tempo. Então cai fora." Instintivamente, passo a mão pela cicatriz da minha perna. Os olhos do samoano se estreitam no movimento.

Ele se aproxima. "Você irrita o Reaper, ou qualquer um de nós irmãos, e será você quem será linchado. Eu não dou a mínima para o quão bom mecânico você é. Você está aqui para trabalhar. Se você ouvir qualquer coisa que não deveria, mantenha sua cabeça abaixada e não repita uma palavra." Ele pausa. "E se nós descobirmos que qualquer coisa sobre nós chegou aos manguezais de Landry, seus antigos rapazes, eu pessoalmente corto sua língua e envio para sua senhora para que ela saiba que você não vai mais lambar sua buceta. "

"Entendido."



Ele volta para a Street Glide. "Nunca vi um trabalho tão bom quanto este... nem mesmo o meu."

"É difícil para você admitir?" Cruzo meus braços sobre o peito.

O samoano levanta a sobrancelha para mim. "Porra, sim." Eu sorrio. "Bull." Eu faço uma careta.

"Eu sou Bull. Eu administro esta loja. Mas estou precisando desesperadamente de um mecânico que seja A, bom, e B, não uma porra de medroso perto dos meus irmãos e da merda que acontece por aqui."

Eu balanço a cabeça, prestes a dizer alguma coisa quando uma voz vem da entrada da oficina. "Ele trabalha bem ou eu tenho que mandá-lo para o barqueiro?" Reaper entra. Como ontem, o filho da puta tem a promessa de uma fodida morte lenta e dolorosa em seus olhos. Um garoto caminha atrás dele. Ele parece o Reaper, mas mais jovem.

O garoto me olha com os mesmos olhos desconfiados que o seu velho.

"Ele vai servir", diz Bull.

"Você conseguiu o emprego", Reaper me diz. Mas eu posso ver pela decepção em seu rosto que ele preferia ter uma desculpa para me matar. Reaper olha para Bull. "A moto dele está pronta?" Ele inclina a cabeça para o garoto atrás dele. Parece ter dezoito, dezenove anos. Algo parecido.

"Acabei de terminar."

Bull mostra a Reaper a moto. O garoto olha por cima do ombro, olhando para mim, olhos desconfiados. "Tinta legal", eu digo. Ele tem uma imagem de Hades e sua senhora em seu braço, como o mural que eu vi no quintal. Dois olhos brilhantes azuis se



destacam na mulher. “Faço tatuagens desde que eu era criança. Sou bom, mas esse trabalho é melhor”, acrescento.

O garoto concorda. Reaper solta uma risada alta. “Não vai ter nada do meu garoto retardado. Ele não fala.” O garoto aperta a mandíbula. Reaper coloca o braço em volta do ombro do garoto e coloca a mão no queixo do filho. “Styx aqui ‘assinala’³, qualquer que seja a porra dessa merda.” Reaper começa a mover a mandíbula de Styx como se ele estivesse falando, como se ele fosse uma porra de marionete e Reaper fosse o mestre das marionetes. “Meu nome é Styx e eu sou uma bichinha. Cuide da minha buceta da mamãe.” Styx apenas fica lá e deixa o filho da puta fazer isso. Reaper ri, em seguida, aponta para mim quando começa a sair, Styx seguindo atrás. “Bull aqui diz a você o que diabos fazer. Faça isso, e não vou ter que te matar.” Ele balança a cabeça. “E pelo amor de Deus, cubra a porra da tinta nazista. Faz-me querer tirar sua pele quando a vejo, e eu realmente não quero perder um bom mecânico. Tente a merda de Hades como cobertura.”

Reaper sai, e Bull vai trabalhar. Ele olha para cima da mesa para onde ele foi atrás. “Esteja aqui amanhã. Oito da manhã.”

Vinte minutos depois, entro no quarto de motel que pegamos na noite anterior. A porta ainda não fechou antes que Beauty esteja em meus malditos braços, suas pernas em volta da minha cintura como de costume. Seus lábios se chocam com os meus. Quando ela se afasta, verifica cada centímetro do meu rosto. “Você está bem?” Ela pergunta, com os olhos arregalados. “Eles não te machucaram?”

Eu sorrio, então, agarrando sua bunda, abaixo-nos para sentarmos na cama. “Estou bem, baby.” Ela solta um suspiro enorme. Espalmo sua bunda dura e cheia.

³ Styx usa a linguagem de sinais para mudos.



“Merda, querido. Eu fiquei um trapo o dia todo.” Ela ri, mas posso ouvir o tremor em sua voz. Isso me destroi.

Eu a beijo e ela me beija de volta como se fosse a última vez que eu a veria. “Consegui um emprego”, digo. Ela pisca para mim, depois assente. Suspiro e abaixo minha testa na dela. “Não sou um cara legal, baby. Eu sei que você sabe disso. Mas isso é quem eu sou. Nunca vou andar em linha reta e estreita. Klan, Hangmen - eu pertencço a esse mundo fodido.” Quando olho para ela, digo “Você e eu? Nós vivemos em uma porra de bolha por meses. Mas tinha que estourar em algum momento. Eu sempre serei arrastado para esse tipo de merda de vida.” Meu estômago revira, dor correndo por dentro como se eu estivesse sendo abandonado. Eu decido contar tudo. Meu passado. O que fiz. Por que fui mandado para a prisão. Beauty ouve cada palavra que eu falo.

Incapaz de lê-la, o que diabos ela pensa sobre o que fiz, digo “Você sabe de tudo. Agora você tem que decidir se você está dentro.” Eu a seguro mais apertado, apenas no caso de ser a última vez. “Você é boa, Beauty. Você pode ir a algum lugar. Conseguir um homem melhor. Você precisa decidir...”

“Você”, ela diz antes mesmo de eu terminar. “Escolho você. Você não é o homem que costumava ser.” Ela endireita as costas. “Eu entendo que você nunca vai andar direito e reto. Pode fazer uma merda de novo. Mas não sou uma mulherzinha, Tank. Eu entendi. Entendi você. Eu posso viver esta vida.”

Um sorriso puxa meus lábios pela determinação em seus olhos. Então cai. “Se o Klan descobrir que consegui um emprego com os Hangmen, pode causar merda.” Eu paro. “Merda de verdade.” Eu balanço a cabeça. “Pode haver um golpe contra mim. Não sou idiota. Se o Klan achar que eu me juntei aos Hangmen, pode colocar um grande alvo na minha cabeça.” Meu estômago afunda. “Pode colocar um em você também.” Eu aperto



meus olhos fechados, tentando respirar. “Não é seguro estar comigo. Beauty... eu não acho...”

“Não”, ela retruca. Ela coloca as mãos nas minhas bochechas. “Porra, não tente tomar minhas decisões por mim. Minha mãe psicótica tentou fazer isso comigo. Eu tenho certeza que não vou querer que meu homem faça isso também.” Ela revira os quadris, sua buceta correndo ao longo do meu pau. Seus lábios vão ao meu ouvido. “Estou dentro. E posso cuidar de mim.” Ela arrasta os lábios ao longo da minha bochecha até que eles alcançam meus lábios. “Estou com você, querido. Até o fim.” Ele esmaga seus lábios nos meus. “Agora cale a boca para que eu possa te foder. Toda aquela preocupação me deixou faminta por seu pau.” Sorrio quando Beauty me empurra para a cama e em alguns segundos meu zíper abre. Meu pau sobe e desce em sua garganta.

A cadela não vai a lugar nenhum.



Capítulo quatro

Beauty

Dois meses depois...

O complexo é enorme. Agarro a cintura de Tank enquanto ele passa pelo portão. Nós paramos do lado de fora de um prédio com uma enorme foto de Hades e Persephone na parede. Eu tenho feito algumas leituras.

Eu não deixo Tank ver meu nervosismo quando ouço a música explodindo através das paredes. Quando viro minha cabeça, um cara jovem com cabelos loiros compridos está fodendo uma garota contra a parede. Fodendo-a a céu aberto, onde qualquer um pode ver.

Tank desce da moto e pega minha mão. Ele sorri quando segue meu olhar, como se não fosse nada fora do comum. "Você está pronta?" O cara que está fodendo geme, claramente gozando, em seguida, afasta-se da parede e fecha seu zíper.

"Tank", diz ele e ergue o queixo. Seus olhos azuis caem em mim. "Docinho."

"Ky", Tank cumprimenta, então aponta para mim. "Beauty. Minha Old Lady." Ky acende um cigarro e vem até nós.

"Beauty." Ele olha para o meu peito. Estou vestindo couro vermelho e minha blusa preta favorita. "Belas tetas."



Minha cabeça inclina para o lado. Eu gesticulo para a parede onde ele estava fodendo. "Técnica legal."

Ky me cega totalmente com um lindo sorriso, então aponta para Tank. "Ela é para manter. Ela identifica um verdadeiro talento quando vê." Ele desfila de volta para dentro, mas grita de volta, "Se você se cansar de nosso mecânico nazista forte aqui, ligue-me. Você vai gozar mais do que já gozou na sua vida."

"É bom saber", digo e ele desaparece por uma porta. Eu viro para Tank e levanto uma sobrancelha.

"Ky Willis. O filho do VP. Vagabundo residente."

Eu olho para a porta pela qual ele acabou de passar. "Porra. Aquele garoto é mais bonito que eu. Desgraçado."

Rindo, Tank joga o braço em volta dos meus ombros. "Grude em mim esta noite. Eu não estou dentro. Isso significa que você é livre. Mas eu conheço todos os irmãos. Se eles verem você comigo, não devem tentar nada."

Eu concordo. Tank me contou algumas regras do clube. É um mundo diferente aqui. Eu nunca vim a um sábado no clube antes. Mas nos últimos dois meses Tank se aproximou dos homens daqui. Eu não sou idiota. Sei que ele secretamente quer entrar nisso. Sei que ele quer se tornar um prospecto dos Hangmen. Eu não tenho nenhuma ideia sobre esse clube ou o que Reaper procura em um irmão, mas eu não posso imaginar que isso não acontecerá para Tank em algum momento. Se eles puderem superar o fato de que ele é ex-Klan.

Fazendo de mim a Old Lady de um Hangman.

Eu sei que preciso me provar esta noite também.

Tank me segura mais apertado conforme entramos no clube. Meus pés vacilam um pouco quando a porta do bar se abre e eu observo a cena. O ar é denso de fumaça, música batendo nos



alto-falantes. Os Hangmen estão espalhados por toda a sala, a maioria com as mãos e bocas ocupadas com mulheres quase nuas - e algumas completamente nuas - contorcendo-se sobre eles. "Você está bem?" Tank pergunta no meu ouvido.

Eu concordo. Mas *merda*... não tenho certeza se estou.

"Tank!" Uma voz corta o barulho. Uma montanha de homem com cabelos negros compridos e tatuagens tribais por todo o rosto e corpo está nos acenando. Bull. Eu sei de olhar para ele que é com quem Tank trabalha. Tank não fala muito, mas eu sei que ele considera Bull um amigo. Eu não tenho certeza se Bull sente o mesmo. Não tenho certeza se algum desses homens pode realmente superar o passado de Tank no Klan.

Tank nos conduz através da multidão. De repente, dois homens estão na nossa frente. Eu desprezo um à primeira vista. "Reaper", cumprimenta Tank. Seu braço aperta meus ombros. "Big Poppa", diz ele para o outro cara.

"Isso é uma puta?" Pergunta o que o Tank chamou de Big Poppa.

"Minha Old Lady", responde Tank.

"Porra, talvez eu devesse ter sido um Klansmen se tivesse uma puta com seios e bundas assim." Minha cabeça cai para o lado quando outra montanha, desta vez com cabelo vermelho, vem ao nosso lado.

"Vike", diz Tank, rangendo os dentes.

Os olhos desse "Vike " ficam no meu peito. "Reais ou falsos?" Minha boca cai em choque. "Não, não me diga." Ele olha para os meus seios por mais um minuto antes de estalar os dedos. "Falsos. Dr. Turnbull, certo? Eu conheceria o trabalho dele em qualquer lugar."



Eu me solto do Tank. Ele tenta me segurar, mas em vez disso eu ando os poucos centímetros até Vike. Espalmo meus seios em ambas as suas mãos e digo "Tudo real, querido. Tank é um cara de sorte."

Os olhos de Vike se arregalam e ele geme. "Tank", diz ele, apontando para o rosto de Tank. "Eu realmente odeio você agora." Vike esfrega a mão sobre o pau. Ele olha ao redor da sala. "Agora eu tenho que pegar uma prostituta para foder minha anaconda para que eu possa me imaginar gozando por você inteira." Ele balança a cabeça. "Cadela, eu só ia fazer algumas doses de tequila também." Ele encolhe os ombros. "Mas quando a anaconda precisa ser alimentada..." Com isso, ele está do outro lado da sala, agarrando uma loira peituda e empurrando a mão diretamente para seu pau. O rosto da menina se ilumina como se fosse Natal e o grande gigante vermelho fosse o Papai Noel.

Idiota.

Reaper e Big Poppa vão embora. Tank me leva até Bull e os outros, mas não antes de beijar minha bochecha. Eu sorrio, sabendo que me saí bem.

Quando chegamos à mesa, Tank empurra a cabeça na minha direção. "Beauty." Ele apresenta a todos. "Bull, e sua Old Lady, Letti. Styx e Lois. Bone e sua Old Lady, Marie.

Todos eles balançam seus queixos em saudação. Letti é morena como Bull, tatuada e faz uma cara feia para mim. Styx, que eu sei que é filho de Reaper, mal olha para mim. A morena em seu colo levanta-se e estende a mão. "Oi, querida." Eu aperto sua mão. Bone e Marie são velhos. Tipo, muito velhos. Marie parece abatida e exausta, mas o sorriso dela ilumina a sala. Conforme ela empurra seu corpo envelhecido de seu assento, vejo um pequeno tanque de oxigênio ao lado dela. Eu sorrio. Ela está com uma jaqueta com o nome de Bone, e calça de couro. "Linda pra caralho, querida."



"Obrigada", digo e aponto para sua calça. "Bom gosto." Ela pisca e senta-se novamente. Bull aponta para dois lugares ao lado dele e Letti, e Tank e eu nos sentamos. Bull e Tank imediatamente começam a falar. Letti pega a garrafa de uísque e vai servir duas doses. Ela para e me diz "Você pode lidar com o uísque ou você é uma garota mais descolada?"

Seu maldito sarcasmo me irrita. "Basta servir o maldito uísque, querida. O que quer que você sirva com certeza, posso lidar. Provavelmente até beba sua bunda debaixo da mesa."

"É isso?" Letti diz, e foda-se se não há um sorriso puxando seu rosto. Eu tomo a dose que ela serviu, em seguida, bato o copo e levanto meu queixo, dizendo que quero outra.

Depois de cinco doses, pergunto "Já me provei para você?" Ela era bem musculosa para uma mulher, claramente levantava pesos. Ela usa jeans e a jaqueta de Bull. Seus olhos se estreitam para mim. Eu me inclino para frente. "Só porque tenho seios grandes, uma bunda espetacular e o rosto de um anjo não significa que não posso andar com você, querida. Lembre-se disso."

Bull e Tank param de falar, e Bull está olhando para sua Old Lady como se estivesse esperando que ela me julgasse. Ela finalmente dá de ombros e então me serve outra. Eu tomo. "A maioria das mulheres aqui são vagabundas", diz ela. "Ansiando por um pau Hangman para encher suas bucetas rançosas. Contanto que você não se transforme em uma delas, estamos bem."

Eu empurro o copo vazio para ela. "É melhor parar de me carregar com uísque então, querida." Minha cabeça roda. "Apenas checando... há apenas uma de você, certo?" A boca de Letti cai. Eu rio. "Estou só brincando com você, querida. Mas mesmo assim, me tire dessa merda de combustível de esposa e me dê um proseco aqui!"



"Eu sabia", diz Letti, mas começa a rir. Meu estômago aperta com seu sorriso, e o peso que eu estava carregando no meu peito desde que entramos aqui diminui um pouco.

Eu quero isso por Tank.

Eu quero isso por nós.

Lois se levanta ao nosso lado quando Styx se levanta e a tira do colo. Ele está prestes a sair quando ela o puxa de volta para um beijo. Styx a afasta novamente depois de um segundo, depois faz um sinal de algo para ela. O rosto de Lois cai levemente, e ela o observa atravessar o bar até Ky, que está com outra mulher que está olhando para ele com estrelas nos olhos.

Lois volta a sorrir e senta-se. Ela toma uma dose e olha em minha direção. "Então, Beauty. Você é do Texas?"

Eu concordo. "Perto de Waco."

Lois inclina a cabeça na direção de Tank. "Vocês estão juntos há muito tempo?"

"Cerca de seis meses agora." Olho para Tank, que está falando com Bull e Bone.

Marie arrasta a cadeira para mais perto. "Tem havido conversa."

"Que tipo de conversa?"

Marie aproxima-se ainda mais. Sua voz é baixa e rouca, eu imagino que por anos de cigarro. Ela tem um tubo de oxigênio no nariz. Quando ela acende outro cigarro, percebo que nada a impedirá de viver sua vida. "Sobre o seu homem. Sobre ele ser um prospecto dos Hangmen."

Meu coração começa a bater mais forte. É o que ele quer. Tanto. "Quem disse isso?"



Marie me dá um sorriso de satisfação. "Conversa de travesseiro. Através dos anos, Bone tem um pouco de lábios soltos." Ela ri. "Estamos muito velhos para dar a mínima para as ameaças de Reaper."

Eu também sorrio.

"Você quer isso?" Letti pergunta, os olhos fixos em mim. Eu imagino que ela está tentando ter uma leitura verdadeira da minha reação.

Eu concordo. "Sim. Ele está perdido. Ele precisa de uma irmandade para segurá-lo ... assim como eu."

"É uma vida difícil", diz Lois enquanto olha para o outro lado do bar para Styx.

"Você é a Old Lady dele?" Ela não estava usando uma jaqueta de "Propriedade do Styx."

Lois vira a cabeça para mim. Tudo o que vejo é tristeza no rosto dela. "Não... um dia talvez. Quando ele finalmente acordar e me deixar entrar." Ela suspira. "Eu o conheço toda a sua vida. Amo-o por tanto tempo quanto me lembro." Ela cruza os braços. Como se isso fosse protegê-la de algo, algum tipo de dor interior. "Mas ele sempre amou outra pessoa. Desde que era criança." Ela ri, mas não há humor ali. "Não posso competir com uma garota dos sonhos."

Eu não tenho ideia do que ela está falando. Letti revira os olhos como se estivesse cansada de ouvir, e Marie parece entediada pra caralho. Mas não posso deixar de sentir pela mulher. Eu coloco minha mão na dela e aperto por um segundo.

Ela aperta de volta.

"Então o que você faz?" Letti serve mais bebida. Eu vou ter que aprender a lidar com bebida neste lugar.

Eu balanço a cabeça, estremecendo quando o uísque cai. Eu realmente quero uma porra de proseco. Limpo minha boca, tomando cuidado com meu batom vermelho. "Garçonete agora." Dou de ombros. "Eu era rainha de concurso de beleza até cerca de seis meses atrás." Letti levanta uma sobrancelha. "Não vamos falar sobre isso", digo. Tank coloca a mão na minha perna e eu seguro sua mão. "Eu sempre quis vender a varejo", digo. "Eu amo roupas. Quer dizer, que puta não adora fazer compras?"

"Eu", diz Letti.

"Ok, que puta além de Letti não adora fazer compras?"

Marie concorda. "Você é boa com números e essa merda?"

Dou de ombros. "Eu era boa em matemática na escola, acho. Gosto de pessoas. Adoro roupas." Sorrio. "Especialmente se elas são feitas de couro."

"Eu tenho uma loja", diz Marie. "Vende merda de motoqueiro. Muita porra de couro." Paro e olho para Marie. "Eu consigo um emprego se você quiser um." Ela aponta para o tanque de oxigênio ao lado dela. "Não estou tão em forma como costumava estar e preciso de uma boa vendedora."

"Está falando sério?"

"Como um ataque cardíaco."

"Eu adoraria um emprego."

Marie acende outro cigarro. "Chama-se Ride. Não é longe daqui. Nós vendemos merda de motoqueiro, e também mercadoria Hangmen para os puxa-sacos."

Meu estômago torce quando percebo que ela está falando sério. Que ela está me oferecendo algo que eu sempre quis. Algo que queria fazer, não algo que eu esteja sendo forçada a fazer,

ou *tenho* que fazer apenas para sobreviver. "Obrigada ... eu ... eu não sei o que dizer."

Marie aponta para Tank. "Ele vai ser um de nós em breve. O que significa que você será. Tenho que manter todos os nossos negócios na família."

Família. Tão fodido como este lugar é, eu imagino que seja uma.

Não percebi que Letti levantou até que uma garrafa de vinho é colocada na minha frente. "Pode ser uma merda. Eu encontrei na parte de trás do porão. Não tenho a mínima ideia do quão velho é. Nenhum outro idiota que conheço bebe essa merda."

"Obrigada, querida", digo, verdadeiramente tocada.

"Então, vamos, Beauty, conte-nos como vocês se conheceram", diz Lois, e eu começo a história. Eu seguro a mão de Tank o tempo todo. Em cada frase falada, percebo o quão sortuda sou e o quanto amo esse cara.

Eu nunca estive tão grata por ter pulado para a traseira da sua moto.

Um mês depois ...

Eu fecho a porta da minha caminhonete atrás de mim e passo a mão sobre a tinta azul. Tank comprou para mim para que eu possa ir e voltar do trabalho. Eu nunca tive meu próprio carro antes. Ele é meu bebê. Eu olho para o sol brilhante, em

seguida para o complexo deserto. Tank levanta a cabeça de uma moto quando me aproximo da loja. Meu coração aperta quando ele fica de pé, vestindo apenas jeans e botas, óleo espalhado por todo seu abdômen e peito. Merda, ele é musculoso e enorme e todo meu.

"Baby?" Tank diz, confusão no rosto. Eu levanto a bolsa do Franklin's Barbeque para que ele possa ver. Procuro por Bull atrás dele, mas não posso vê-lo. "Porra. Sim", diz Tank, pegando a sacola. Ele passa um braço em volta de mim. "Você ficou na fila durante toda a manhã no Franklin's para me trazer isso?"

Eu o abraço de volta. "Claro que sim." Passo os olhos ao redor da garagem. "Onde diabos está todo mundo? Eu comprei o suficiente para alimentar um pequeno exército."

Tank ri enquanto coloca o churrasco na mesa. Ele passa o braço em volta da minha cintura. "Estão todos fora em uma corrida." Eu suspiro quando vejo o ciúmes em seus olhos. Ele quer tanto ser um. Mas alguns deles ainda não conseguiram superar seu passado Klan. Marie me disse que certos membros não confiam que ele não vire a casaca. Não confiam que ele vá proteger o clube contra o seu velho Kl e seus amigos. Até que consiga uma série de sim, Tank nunca estará em casa. "Eles devem voltar logo."

A cabeça de Tank cai. Eu me aproximo dele e corro minhas unhas vermelhas compridas em seu peito. "Então" - coloco minha perna entre a dele e minha coxa roça seu pau - "nós temos o lugar só para nós?"

Tank sorri e abaixa as alças da minha blusa da Ride. A alça do meu sutiã vem em seguida. Ele acabou de pegar um, expondo meu seio direito, quando um som alto de esmagamento vem da entrada principal da loja... no portão. Tank me tira do caminho e corre para a frente da loja. Ele para, os músculos tensos, então ele cospe, "Porra!" Ele se vira e me empurra para o escritório de trás. Há uma porta nos fundos que leva à parte dos Hangmen no



complexo. "Saia. Corra!" Tank diz, assim que ouço a porta de um carro se abrindo.

Meu coração bate rápido no peito. "Tank? O que está acontecendo?" Minha voz está tremendo.

Seus olhos encontram os meus. "Beauty, corra porra!" Ele vai se virar, mas então pressiona sua boca na minha e murmura "Eu amo você pra caralho, mulher. Saiba disso. Eu te amo pra porra." Ele fecha a porta do escritório e gira a chave. Eu tento a maçaneta, mas a filha da puta está trancada. Puro medo enlaça minhas veias, corro para a janela, batendo no vidro, apenas para ver três skinheads tatuados caminhando em direção ao Tank. Meu coração parte, estilhaçado, depois cai no chão quando vejo os olhares em seus rostos...

...vejo as armas e facas em suas mãos.

"Trace", diz Tank. Eu fico em silêncio. Ainda imóvel enquanto ouço através do vidro.

"Você é um traidor da porra. Seu filho da puta desgraçado." O maior dos três homens - Trace - levanta uma arma para o rosto de Tank. Paro de respirar, fico paralisada enquanto tudo parece parar ao meu redor. Tank salta para a frente, mas a arma dispara. Tank bate no chão e dou um grito silencioso. O sangue se acumula sob Tank, e os três Klan idiotas começam a chutá-lo, socando-o... matando-o. Eu me viro, sem saber o que diabos fazer. Em pânico, passo pela porta de saída e saio para o complexo. Eu preciso de uma arma. Eu preciso de algo para ajudar Tank.

Eu só dou um passo quando ouço o rugido ensurdecedor das motos. Seguindo o som, um lampejo de alívio começa a crescer dentro de mim, eu corro para a frente do complexo, o coração trovejando no meu peito. Cada batida rápida me faz sentir cada vez mais doente.



Os Hangmen estão entrando. "Socorro!" Eu grito, minha voz tremendo. "O Tank! Os Klan... eles o encontraram... eles estão matando ele!" Minha voz para quando Reaper, Big Poppa e Bull saltam de suas motos e um tiro ecoa ao nosso redor, pássaros fugindo das árvores em volta.

Meu coração para. Naquele segundo, eu tenho certeza de ouvir minha alma gritar em agonia.

"Não..." Eu sussurro.

Reaper tira a Glock da jaqueta e sorri enquanto corre na direção da loja. Eu corro também. Não dou a mínima se eu não deveria. É o meu homem, o amor da minha vida e não vou a lugar nenhum.

Quando dobro o corredor, meus pés tropeçam com o que vejo. Tank está de pé, cada centímetro de sua carne coberta de sangue. Seu braço direito está pendurado ao seu lado, o sangue jorrando da ferida de bala e das facadas que lhe salpicam o corpo. Dois dos homens estão deitados no chão. Um tem uma faca saindo do coração e o outro tem uma bala na testa, os olhos abertos mortos.

Trace ainda está na frente dele. Sua arma não está à vista, mas sua faca está em sua mão e ele está se aproximando de Tank. Meu bebê está fraco, suas pernas tremendo e quase desistindo dele. Minhas mãos cobrem minha boca quando Trace se lança direto para o coração de Tank, mas antes que Trace possa chegar lá, Reaper atira direto na coxa de Trace. Trace cai no chão. Tank olha para cima, os olhos ardentes e selvagens, até que ele vê os Hangmen se aproximando e eu parada atrás deles. Ele parece respirar fundo quando cai no chão. Eu corro até ele, passando por todos os irmãos no meu caminho. Eu agarro sua mão. Minha visão fica borrada de lágrimas.

Tank se vira para Reaper. "Explosivos... no caminhão... iam explodir... o clube." Meu rosto empalidece. Reaper concorda, e alguns dos outros caras arrastam Trace para longe.

"Baby?" Eu sussurro quando os olhos de Tank começam a se fechar. "Ele precisa de ajuda!" Eu grito me aproximando dele e pressionando minha mão no ferimento da bala.

"O médico está a caminho." Bull inclina-se para pressionar as mãos nos dois dos maiores ferimentos de faca. Inclinando-me para frente, eu beijo os lábios de Tank, não dando a mínima se tenho sangue na minha boca. Eu o beijo e digo que ele ficará bem. Ele não vai a lugar nenhum sem mim.

Eu o amo. Ele tem que sobreviver.

Eu não consigo mais respirar sem ele.

Capítulo cinco

Tank

De jeito nenhum. Não pode ser ele.

Trace me olha diretamente nos olhos, e vejo o ódio, a fodida traição dele. "Trace." Mantenho minha posição.

Eu sabia que esse dia chegaria. Sabia que alguém ficaria chateado por eu estar trabalhando para os Hangmen. Sabia que Tanner não seria capaz de fazer com que me deixassem em paz. Ansiedade me domina quando me pergunto se Tanner sabia disso...

"Você é um maldito traidor. Seu filho da puta renegado!" Minhas mãos se fecham ao meu lado quando Trace levanta sua arma e aponta diretamente para o meu rosto. As veias em seu pescoço se destacam enquanto ele treme de raiva. Ele cospe em meus pés. "Deixar seus irmãos brancos por essas putas impuras?"

"Sim. Eu deixei." Vejo o momento em que ele decide atirar. Vejo seu grunhido de puro desgosto e apenas reajo. Saltando para frente, bato em sua mão o suficiente para afastar a arma do meu rosto, mas o idiota consegue atirar e sinto a bala afundar em meu ombro. Caio de costas pela força do impacto, a dor lacerante me perfurando.

Trace e outros dois idiotas que nem conhecia usam suas botas, seus punhos. "Ninguém deixa o Klan vivo", Trace cospe enquanto a parte de trás de sua arma corta meu rosto. Ele se inclina e me encara bem nos olhos. "Você vai morrer, idiota. Você vai morrer

por virar as costas e se juntar a um clube que permite os impuros — negros, latinos e mulatos filhos da puta.” Respiro fundo, olhando para um dos idiotas ao meu lado. Sua faca pende frouxamente na mão enquanto ele chuta a lateral do meu corpo várias vezes.

Flexiono minha mão, então me preparo. Quando ele se ajoelha novamente, a maldita boca de Trace jorra merda que nem estou mais ouvindo, ataco, agarrando a faca do cara e apunhalando-o direto no coração. O filho da puta cai sobre mim, derrubando seu amigo e Trace de costas. Sua boca pousa perto do meu ouvido. Ele tosse e cospe, seu sangue se juntando ao meu no meu peito. Em seguida, empurro ainda mais a faca, torcendo-a para que o idiota sinta algo único enquanto sua vida acaba.

Respiro fundo, deslizo de debaixo do imbecil e fico de pé. Seu amigo não me dá tempo para me recompor. Ele voa na minha direção, arma apontada. Mas estive lutando por minha vida desde que era uma criança cujo pai queria usá-lo como um saco de pancadas. Eliminei negros, mexicanos e um monte de católicos e judeus sob os termos de Landry. Ele me fez seu soldado perfeito. Este idiota não é nada.

Bato meu cotovelo contra seu braço, pego a arma da sua mão. Nem sequer pisco quando aponto a arma para ele e atiro diretamente em sua cabeça. O idiota cai, deixando-me cara a cara com Trace. Ele está tremendo de raiva. “Eu recrutei você, porra. Landry escolheu você ao invés dos seus soldados que estiveram com ele por mais tempo, e você se voltou contra todos nós, para quê?”

“É besteira”, respondo, espirrando sangue e saliva da minha boca no chão. “É tudo besteira.” Balanço a cabeça. “Eles só pegam crianças perdedoras como nós e encham nossas cabeças com besteiras.”

“Traidor”, Trace grunhe quando se lança para frente. Ele tenta me agarrar, mas suas mãos escorregaram da minha pele

ensopada de sangue. Sua arma cai no chão, mas quando ele volta para me atacar, minha força desvanece e a arma escorrega da minha mão. Trace puxou uma faca do cós da calça e me atacou. Recuei, mas não foi o suficiente para me afastar completamente da lâmina. O aço afundou no meu lado e ouço um silvo de satisfação escapar dos seus lábios. A dor não é tão grande desta vez; meu corpo está ficando dormente.

“Você não vai viver”, Trace diz. Coloco minha mão sobre o local do tiro para estancar o sangramento. Minha cabeça está ficando leve e minhas pernas cedendo. Trace sorri. “Então, eu vou explodir a porra desse lugar inteiro.” Ele bate a mão sobre o peito, bem sobre sua tatuagem do 88. “Ninguém fode com o Klan. Landry vai ver quem são os verdadeiros soldados em seu exército. Os irmãos mais puros. Então ele vai me deixar entrar.” Meus olhos seguem para a caminhonete. Os explosivos estão lá. Fizemos isso uma tonelada de vezes em locais considerados impuros. Incendiamos suas instalações inteiras, de preferência com todos trancados dentro.

Eu preciso impedi-lo. O rosto de Beauty surge em minha mente. Seu sorriso, seus olhos, sua boca esperta. E eu sei que preciso impedi-lo a todo custo. Os Hangmen gostam dela. Pude ver isso. As old ladies a amavam. Eles a aceitaram. Cuidaram dela. Marie e Bone já pensavam nela como a filha que nunca tiveram.

Eu preciso salvar minha mulher.

Trace aproxima ainda mais a faca. Enfio a mão no bolso e agarro o cabo da faca que peguei de um dos idiotas no chão. O pé de Trace balança, pronto para atacar, mas assim que ele tenta, um tiro soa. Ele bate no chão. Respiro fundo, então minhas pernas cedem...

“Baby?”



Tento piscar. Minha garganta está muito seca.

“Querido? Tank, baby?” A voz de Beauty entra em meus ouvidos e sinto suas mãos em minhas bochechas. Aperto as pálpebras com força antes de abrir os olhos, um de cada vez. A luz brilhante queima meus olhos. Tento me mover, mas calor dispara em minhas veias quando faço o movimento.

“Porra!” Reclamo, minha voz mal passando de um sussurro.

Beauty está ali novamente. “Shh, baby. Cuidado.” Demoro um minuto para abrir meus olhos corretamente. Um quarto com paredes de madeira aparece. Olho para o meu braço; uma sonda leva a um IV ao meu lado. Tenho ataduras pelo corpo e um cobertor marrom cobrindo a parte inferior. Beauty senta na cama ao meu lado. Olho para cima e vejo lágrimas caírem de seus olhos e descerem por suas bochechas. Seu cabelo, normalmente penteado e com volume, está totalmente preso. Não há um traço de maquiagem em seu rosto. Ela usa um dos meus moletos — que praticamente a esconde inteira. Ela parece uma criança perdida.

“Baby...” murmuro, e ela cai contra mim, me abraçando. Posso sentir suas lágrimas escorrendo em meu pescoço. Porra, meu peito despedaça pelo sofrimento da minha mulher. Levanto o braço, ignorando a dor em meu ombro direito, e retribuo o abraço, mantendo-a perto enquanto chora.

Então, percebo que o sonho não foi realmente um sonho... Trace... Trace veio atrás de mim e dos Hangmen. E matei dois de seus homens.

Beauty levanta a cabeça. Segurando meu rosto, ela diz, “pensei que estivesse morto.” Ela funga e enxuga os olhos. “Achei que tinha me deixado.” Ela bate suavemente no ombro ileso, em seguida, aproxima a cabeça da minha. “Nunca mais faça isso comigo. Eu não me importo com o que acontece — nunca me



tranque em uma sala onde não posso chegar até você. Onde não posso ajudar.”

“Eu queria... você segura...”

“Que se foda a segurança”, ela interrompe, com o rosto tenso. Ela quis dizer cada palavra. Não consigo controlar e sorrio. Não apenas sorrio — dou uma risada alta. A boca de Beauty se abre, e ela me bate de novo, mais forte desta vez. “Você está rindo?” Mas seu lábio se contrai e logo também está sorrindo.

Agarrando seu pulso, eu a puxo para o meu peito, não dando a menor importância sobre a dor ou os ferimentos que provavelmente não deveriam ter a minha mulher de cinquenta e oito quilos deitada sobre eles. Depois, faço com que me olhe. “Porra, eu amo você, mulher.”

“Também te amo”, ela sussurra de volta, e outra lágrima cai. Ele descansa a cabeça em meu peito e deixo que se livre de todas as lágrimas. Posso ouvir as pessoas do lado de fora, e sei pela aparência do quarto que devo estar no complexo dos Hangmen. Bem, por isso e a enorme bandeira Hangmen que cobre a parede oposta.

“Você matou dois homens.” Meus olhos alcançam a cabeça loira de Beauty. Ela lentamente levanta para que eu possa ver seu rosto. Seu lábio inferior treme. Concordo. Seus olhos se fecham. “Só precisava dizer em voz alta.”

“Eu matei muito mais. Você sabe disso.” Eu a observo por qualquer tipo de reação. Não há nenhuma. Mas ela solta um longo suspiro. Afasto uma mecha de cabelo da sua bochecha. “É a vida que eu vivo. Eu sei que você não viu isso no tempo que estivemos juntos.” Olho ao redor do quarto. Na face de Hades me observando da parede. Assim como acabei com o Klan, agora me encontro aqui. Na porra do antro de assassinos.

Eu também sou um assassino.



Beauty desvia o olhar, mas depois vira a cabeça para mim. “Eu não me importo.” O peso que pressiona meu peito enquanto aguardo sua resposta, desaparece com aquelas três palavras. Ela engole e se aproxima, até que seus lábios pairam sobre a minha boca. “Estou com você. Independentemente de qualquer coisa. Ponto final.” Ela sorri e desliza seu dedo sobre minha bochecha. “Esses meses que passei com você foram os melhores da minha vida.” Ela beija meus lábios. “Eu não vou desistir de você agora. Não importa o que venha acontecer.”

Agarrando sua cabeça, pressiono minha boca na dela. Provando-a e sentindo aquela língua quente contra a minha. Apenas me afasto quando alguém pigarreia da porta. Sobre o ombro de Beauty, vejo Bull na porta. Beauty não se afasta, apenas enfia a cabeça no meu pescoço e abraça minha cintura.

“Ótimo. Você está acordado”, Bull diz. Ele cruza os braços sobre o peito, mas seu rosto parece diferente quando me olha. Mais relaxado. Soube então que ele sempre esteve um pouco reservado na minha presença. Mas agora seus olhos e mandíbula estão menos tensos. “Reaper quer ver você.”

“Ele acabou de recuperar a consciência”, argumenta Beauty, sentando-se, Bull recebendo o peso de sua ira. Ele nem sequer recua.

“Está tudo bem.” Afasto o cobertor das minhas pernas e arranco o soro do braço. “Jeans?” Peço a Beauty.

“Tank...”

“Baby, eu estou bem.” Seus olhos queimam, mas ela sai da cama e desaparece no corredor.

“Ela não saiu do seu lado”, Bull diz.

“Quanto tempo eu fiquei desacordado?”



“Alguns dias. O médico que usamos sedou você no primeiro dia. O resto você dormiu sozinho.” Balanço a cabeça, depois Beauty retorna ao quarto segurando uma sacola da loja em que trabalhava. Ela retira um jeans e me ajuda a vestir. Posso fazer isso sozinho, mas não quero arriscar que fique ainda mais chateada comigo se não a deixar ajudar. Ela também pega uma camisa.

“Não preciso disso.” Seguro meu ombro machucado enquanto me levanto. Beauty me ajuda a calçar as botas. Ela se afasta e cruza os braços sobre o peito, olhando para o chão. Paro a sua frente e levanto seu queixo com a mão livre. Ela mantém os olhos baixos, até que minha paciência ganha e encontra meu olhar. “O que?” Ela retruca.

“Volto em breve. Então você pode me mimar o quanto quiser, certo?”

Beauty bate o pé no chão, parecendo adorável demais. Mas logo assente, e um sorriso cruza seus lábios. Ela se aproxima até que seu peito está contra o meu. “Vá.” Eu a beijo na boca.

“Letti e Marie estão no bar esperando por você”, Bull diz. Beauty pega meu celular da mesinha e coloca em meu bolso. “Se precisar de mim, ligue.” Beauty coloca seus braços nas mangas muito longas do meu moletom abraçando sua cintura, em seguida, desaparece do quarto. Não posso deixar de sorrir. Quem sabe o que ela pensou que poderia fazer contra os Hangmen.

Saio seguindo Bull. É o início da noite pelo que parece. Ele nos leva a uma grande estrutura parecendo um galpão, longe do clube. Quando ele abre a porta e entramos, vejo todos os Hangmen parados em volta da sala... e no centro, amarrado a uma cadeira, está Trace. Sua cabeça levanta quando entro. Meu sangue ferve intensamente em minhas veias enquanto o idiota curva os lábios em desgosto.

De repente, Reaper está na minha frente. “Guardei ele para você.” Ele cerra os dentes, depois relaxa. “Foi muito difícil, mas acho que depois disso...” Reaper soca meu ferimento da bala. Não é forte, mas intenso o suficiente para me mostrar quem está no comando. Respiro com dificuldade pela dor. “Você deveria matar.”

“Traidor”, Trace fala. Passo por Reaper e fico na frente do idiota que quase me tirou de Beauty. Seu rosto foi espancado, seu olho esquerdo quase fechado. Ele sorri e seus dentes estão cobertos com sangue. “Você merece morrer”, ele diz com a voz rouca. “Você merece morrer nesta maldita terra impura.” Ele corre os olhos sobre os Hangmen. “Este clube costumava ser puro até que eles abriram para a porra dos inferiores.” Ele olha para Bull. “Para a escória negra e mulata que deveriam estar se curvando aos nossos pés superiores.”

Styx se aproxima do meu lado e me entrega uma lâmina alemã. Irônico pra caramba para um Klansman acabar assim. Pego a lâmina de sua mão e enfrento Trace. “Você acha que eles não vão continuar vindo atrás de você?” Trace diz. “Pode não ser agora ou em breve, mas um dia o Klan se levantará e irá eliminar as raças inferiores e aqueles que deixaram a irmandade para foder com os impuros abaixo de nós.”

Eu me inclino para frente e fico cara a cara com ele. “Isso pode ser verdade. Mas assim como você e a porra dos parceiros que arrastou com você, vou acabar com todos. Cortar suas malditas gargantas e mijar em seus cadáveres.” Trace treme de raiva. “O Klan não significa mais nada, apenas um monte de babacas idiotas que se apegam aos dias de seus avós. O Klan cairá...” Sorrio. “E se depender de mim, estarei na liderança.”

Trace ia dizer outra coisa, mas não lhe dou chance de falar. Ergo meu braço e deixo a lâmina alemã de Styx cortar sua garganta. Seu olho aberto se fixa ao meu e eu o observo. Observo ele engasgar com seu próprio sangue quando o corte abre e fica



carmesim. Assisto enquanto ele se debate na cadeira, tentando respirar. E vejo quando seu olhar congela e o corpo fica imóvel. Não há som na sala, exceto minha respiração. Então, com a porra de um grunhido interminável que emana do fundo do meu ser, chuto sua cadeira e contorno seu cadáver enquanto ele cai no chão. Esfaqueio o idiota, várias vezes até que não há nada além de sangue e carne. Eu me levanto e olho para o seu cadáver. Recuo, sem fôlego, para ver todos os Hangmen me encarando.

Deslizo a lâmina no meu jeans novo, mas não consigo limpá-la. Estou coberto de sangue. Entrego-a de volta para Styx. O garoto sorri. É a primeira vez que vejo alguma expressão do pequeno Reaper.

“Agora isso foi foda... eu fiquei excitado. Mais alguém?” Vike fala, mas mantenho meus olhos em Reaper.

“Igreja.” Reaper vira-se para caminhar de volta ao clube. Todos os irmãos saem e fico olhando para Trace. Pegando o celular do meu bolso, tiro uma foto do corpo fodido de Trace e envio para a pessoa que achava que nunca me trairia.

Ele não teve sucesso. Se você me quer morto, venha me pegar você mesmo.

Quando a mensagem foi enviada, saio do barracão, deixando o Klan firmemente para trás. Eu não vou atrás de Beauty; em vez disso, tomo um banho no quarto em que estava hospedado e jogo o jeans fora. Olho na bolsa que Beauty trouxe da Ride. Dentro há outro jeans e uma camisa branca. Coloco-os e sento na cama. Respiro profundamente. Quando olho para baixo, minhas mãos estão tremendo. Minhas pernas não conseguem ficar paradas e a adrenalina flui pelo meu corpo, deixando-me agitado.

Trace. Trace do caralho. O cara que me tirou das ruas e me deu uma família. Uma família que era malvada. Fecho os olhos,



pensando naquela primeira noite em que os ajudei eliminar um membro de gangue rival.

Um membro da gangue negra...

Risadas altas de Trace chegam do lado do motorista enquanto estou ao lado dele no banco do passageiro. Ele vira o volante e ouço o som do corpo sendo arrastado atrás do carro pela propriedade de Landry. Trace me entrega o uísque. Em seguida, ele para. Saio do carro e o sigo. Paramos na parte de trás do carro. Olho para baixo. E paraliso quando noto o estado do corpo.

“Outra vitória para a raça branca.” Trace me entrega um cigarro. “Comemore, Tank. Você acabou de matar pela primeira vez...”

Esfrego minhas mãos pelo rosto e sinto meu estômago contrair com a memória. Porque estava completamente envolvido nisso. Jovem, idiota, e chapado da minha primeira morte, Trace atijando as chamas do orgulho branco.

Agora, anos depois e crescido, eu o vejo pelo que ele era... um maldito perdedor em quem coloquei toda a minha confiança. Segui o cara para o inferno com uma cruz em chamas iluminando o caminho.

Era tão idiota quanto seu traseiro morto. Tenho sangue inocente em minhas mãos. Nem tudo. Na maior parte gangues rivais, mas algumas que estavam apenas no lugar errado no momento errado.

Não tenho certeza de quanto tempo estou na cama, mas finalmente ouço a voz de Bull da porta. “Você é necessário na igreja.”

Estudo o rosto de Bull, tentando descobrir o que está acontecendo. O rosto do cara está inexpressivo, sem demonstrar nada. Eu o sigo, e enquanto caminhamos pelo corredor, deixo a



dormência me dominar. O que quer que esteja prestes a acontecer, bom ou ruim; não vou fugir.

Quando entro na sala que nunca tive a permissão para entrar, todos os irmãos estão sentados em torno de uma mesa. Reaper senta na ponta, com um martelo na frente, o patch Hades Hangmen na parede atrás dele. Big Poppa está à sua esquerda, Styx à direita, Ky ao lado de Styx.

A porta se fecha atrás de mim, mas mantenho meus olhos em Reaper. Se por alguma razão fodida ele acha que trouxe o Klan aqui, quero ver o momento em que o psicopata me atacar. Eu me pergunto se isso foi algum tipo de teste. Gostaria de saber se ele manteve Trace vivo para mim para ver se eu poderia fazer aquilo. Se eu seria capaz de matar um ex-irmão da Klan.

Fico tenso, esperando que Reaper fale, então ele alcança debaixo da mesa e joga algo para mim. Pego instintivamente. O cheiro de couro fresco imediatamente atinge meu nariz. Olho para baixo e vejo um novo colete de couro em minhas mãos. Tem o patch dos Hangmen nas costas. Na frente está escrito "Prospect", com meu nome ao lado... Tank.

Minha cabeça se levanta quando meu coração começa a bater acelerado no peito. Reaper está sentando em sua cadeira como se o filho da puta fosse Hades em seu trono. Uma mão pousa no meu ombro por trás. Bull.

"Pronto?" Ky diz, sorrindo de seu assento. "O que você está esperando? Coloque essa porra logo."

Engolindo o nó na garganta, visto o colete sobre a minha camisa. E caralho, isso é perfeito. Deslizo minha mão sobre o patch. "Você defendeu os Hangmen de seus velhos irmãos. Matou por nós." Reaper encolhe os ombros. "Mostrou que você realmente pode ser um de nós."

"Eu sou", digo sem respirar.



Reaper bate o martelo na mesa, o som ecoando nas paredes. Ouço aquele som se repetindo em minha cabeça enquanto observo; incrédulo, os irmãos se levantando. Penso que meu coração está prestes a explodir no peito quando vejo seus rostos, sinto cada tapa em minhas costas. Minha respiração é tão forte que ouço em meus próprios ouvidos, a adrenalina correndo tão rápido em meu corpo quanto o sangue em minhas veias. Então, olho para o meu colete — *meu fodido colete* – e leio meu nome uma e outra vez. “Tank” costurado no couro... o cheiro de couro me dizendo uma coisa: eu sou um filho da puta de um Hangman.

Eu sou um filho da puta de um Hangman...

O mundo volta ao normal quando Reaper se aproxima, o último a me alcançar, o Big Poppa ao seu lado. “Prospecção é uma merda. Mereça seus privilégios, então um dia será um membro.” Balanço a cabeça, processando cada uma de suas palavras. Tentando assimilar. Tentando acreditar que é verdade, que ainda não estou sob o ataque e sonhando tudo na minha cabeça.

Mas estou aqui. Quando Reaper bate no meu ombro em congratulação, eu sei que realmente estou aqui. Eles me deixaram entrar. Beauty e eu... nós não estamos mais sozinhos.

Bone passa por mim e segura meu braço, arrastando-me para a porta da igreja. Faço uma careta, tentando me concentrar no que diabos está acontecendo.

Big Poppa quem fala. “Primeiro você vai cobrir essas malditas tatuagens nazistas. Se tiver que vê-las mais um dia, eu mesmo cortarei sua garganta.” Poppa coloca a mão no meu ombro. “E minha moto nunca correu tão bem. Não quero encontrar um novo mecânico.” Bull e Ky me empurram para o bar. Quando as portas se abrem, imediatamente vejo Beauty. Seus olhos azuis



encontram meu colete e os irmãos em pé ao meu redor, e suas mãos cobrem a boca.

Meu coração está em um fodido punho de ferro quando vejo as malditas lágrimas de felicidade brotarem em seus olhos, mas consigo sorrir. Não tenho a chance de falar porque o rock surge pelos alto-falantes, uma garrafa de uísque é colocada na minha mão e sou empurrado para uma cadeira ao lado de Bone, que saiu do quarto dos fundos com sua pistola de tatuagem na mão.

“Chamem as putas!” Grita Big Poppa. “Hora de ficar bêbado e foder! Nós temos um novo irmão!” Meu colete e camisa são removidos e Bone começa a cobrir minha tatuagem nazista. E a cada minuto, fico mais bêbado, a pistola de tatuagem apagando a última ligação com minha vida passada. O maior erro que já cometi.

Quando olho para Beauty, sorrindo e chorando, bebendo uísque que sei que ela odeia com Letti, Lois e Marie, sinto que finalmente posso respirar.

Eu sou um filho da puta de um Hades Hangman.

E nós estamos em casa.



Epílogo

Uma semana depois...

Beauty soltou um longo e fodido “Woohoo!” Enquanto cruzamos a Congress Avenue, seus braços estão no ar. Sua jaqueta, que mostra a todos a quem ela pertence, está em suas costas, e ela usa uma calça apertada de couro preto em suas longas pernas. Ela usa a sua camiseta Hangmen — Vike estava certo. Isso fez os seios dela parecerem irreais.

As pessoas param e ficam olhando enquanto passamos. Eu monto e dirijo, até que um prédio conhecido aparece à frente. O prédio onde eu peguei Beauty há tantos meses. Os braços dela vêm ao redor da minha cintura e seus lábios vão a minha orelha, como se ela estivesse lendo a minha maldita mente. “A melhor coisa que já fiz, querido.”

Sorrio, sabendo que é verdade. Uma rainha da beleza com uma coroa e faixa subindo na minha moto mudou tudo.

Uma hora depois, estamos de volta a nossa casa perto do complexo. No minuto em que desço da moto, Beauty pula em meus braços, suas pernas em volta da minha cintura — onde parecem permanentemente ligadas — e seus lábios nos meus. Segurando a sua bunda em minhas mãos, eu a levo pelas escadas até a varanda, depois pela porta da frente.



Nós não vamos muito mais longe, porque quando a mão dela alcança meu jeans e ela puxa meu pau já duro como pedra, eu fico louco pra caralho.

Batendo suas costas contra a parede, eu rapidamente puxo para baixo sua calça de couro, empurro-a longe o suficiente para que suas pernas se afastem. Como sempre, minha Old Lady não está usando nada por baixo. Com o quanto nós fodemos, isso não faz sentido. Eu afundo três dedos em sua buceta já molhada. A cabeça da Beauty cai para trás e ela geme.

Sua mão acaricia meu pau. Eu puxo meus dedos para fora e afasto sua mão, e em um longo impulso, enfio meu pau dentro dela. Sua buceta aperta o meu pau enquanto eu cravo nela, suas costas batem contra a parede. As unhas vermelhas de Beauty rasgam minhas costas. Ela olha para mim, com olhos atordoados e um sorriso no rosto. Então ela se inclina e morde o lóbulo da minha orelha. “É isso que você chama de duro, querido? Foda-me. *Mais forte!*”

Eu gemo quando prendo seus braços na parede e deixo-a ter isso, porra. A boca de Beauty se abre e seus gemidos ficam mais altos. Ela sempre quer isso duro e rápido depois de estar na minha moto. Desde que nós montamos todos os dias, meu pau está sempre na sua buceta. Eu chupo o seu pescoço, os chupões marcam sua pele. Eu amo isso. Mostra aos idiotas que entram na loja e no complexo que essa mulher é minha.

“Tank...” Beauty geme, sua buceta me agarra com mais força. “Estou gozando...” Eu observo seu rosto, observo seus olhos fecharem enquanto sua buceta aperta meu pau e o estrangula, seu grito ecoa pela sala. Isso é tudo o que precisa para minhas bolas apertarem e eu gozar também, enchendo-a com meu gozo.

Minha cabeça cai contra o seu pescoço. “Você vai me matar porra.”



Beauty ri e coloca os braços em volta do meu pescoço. Ela aperta os lábios suavemente nos meus enquanto eu nos levo para o sofá e nos deito, Beauty se esparrama no meu peito. “Mmm...” Ela murmura. “Eu amo o seu pau grande.”

Sorrio enquanto ela me acaricia. “Ele gosta de você também.”

Beauty sorri, mas seus olhos estão fechando. Eu a seguro até quando o céu fica escuro lá fora. Levo-a até o quarto e a coloco na cama. E apenas a observo.

Melhor maldita cadela aqui... Ouço a voz de Ky na minha cabeça, na semana passada na sede do clube, enquanto eu era um idiota no bar para os irmãos. *Ela nasceu para ser uma Old Lady e viver esta vida.* Styx e Ky sentaram-se no bar, observando comigo enquanto Beauty limpava as mesas — tudo para que a minha bunda de prospect não precisasse limpar. Sorrio para essa lembrança, olho para baixo enquanto Beauty dorme, seus cabelos loiros espalhados por todo o travesseiro. Foi Styx que assinalou para mim naquele dia; Ky traduziu isso.

E isso é verdade. Beauty se encaixou totalmente na vida do clube. Ser um prospect era uma merda, mas eu sabia o que precisava fazer. Mantive minha cabeça baixa e fiz o trabalho de cadela como eu deveria. No entanto, se fosse honesto, sabia que não era visto muito como um prospect. Os irmãos não me tratavam como os outros. Tratavam-me como um deles.

Olho para a tatuagem do Hades na minha mão, a última parte foi coberta. Foi embora a merda nazista. Estou coberto com imagens da minha nova família e clube. Novos malditos irmãos. Irmãos por quem eu morreria.

Quando olho para Beauty, sei que também morreria por ela.

Estou prestes a tomar um banho quando ouço um som na porta dos fundos. Puxando minha arma da parte de trás do



meu jeans, eu corro pela casa. Uma tábua do assoalho range novamente. Desligo a segurança eletrônica, então voou para a cozinha, e entro na luz.

Eu aponto minha arma, mostrando meus dentes quando percebo quem diabos está em minha casa. “Que porra você quer?” Cada uma das minhas palavras está cheia de maldito veneno. Traição e veneno.

Tanner levanta os braços. “Eu não estou armado, Tank.” Meus olhos se estreitam e checo atrás dele. “Sou só eu. Ninguém sabe que estou aqui. Eu juro.”

“Por quê?” Eu murmuro, rezando para que Beauty não acorde.

O rosto de Tanner empalidece. Como se ele não pudesse acreditar que fiz essa pergunta. Pensei que conhecia esse cara. Ele era tão próximo a mim quanto um irmão. “Por quê?” Ele repete. “*Por quê?*” Balança sua cabeça, seus olhos brilhando na luz. “Porque estive em turnê por meses, e volto para o fodido caos no rancho e meu melhor amigo me envia uma foto do corpo de Trace e pensa que eu tentei matá-lo. Esse é o fodido motivo!”

“Trace veio com dois idiotas que eu nem conhecia e tentou me matar. Ordens da Klan. Sua fodida Klan! Eu ainda tenho hematomas e cortes em toda a porra do meu corpo.” Tanner claramente os viu na minha cara também.

“Não foi sancionado”, ele diz quando me aproximo, meu alvo em sua cabeça ficando realmente claro. “Landry nunca os enviou. A última coisa que precisamos agora é uma guerra com os Hangmen. Eu não estava aqui. Não mantenho muito contato com a Klan enquanto estou fora. É muito perigoso. Estou no exército, Tank. Eu não posso ser pego com os assuntos da Klan.” Sinto a besteira em sua resposta. Ele deve ter visto isso na minha cara. “Tank... Eu juro porra. Trace estava perdendo a proteção de



Landry e dos Wizards. Ele era um idiota do caralho que Landry jogou de lado meses atrás. Ele continuou fodendo tudo. Escolhendo cocaína sobre a irmandade. Ele fez isso sozinho. Ele ouviu que você estava trabalhando para os Hades e planejou o ataque sozinho. Ele te queria de volta.” Eu penso em Trace, e seus olhos fodidos quando acenou com a arma para mim. Ele poderia estar realmente alto... eu não sei, porra. Tudo aconteceu rápido demais.

Os olhos de Tanner caem no meu colete e na minha nova tinta. Seus olhos se arregalam e vejo a raiva crescer dentro dele. “Você se juntou a eles?” Ele balança a cabeça, como se não pudesse acreditar nisso. “Está falando sério? Você está com os filhos da puta Hangmen?”

Suspirando, abaixo minha arma. “Eu sou um Hangmen, filho da puta. Um prospect. Eu deixei a Klan para trás, Tann. Eu falei sério quando me afastei. Não vou voltar.”

O rosto de Tanner parecia que eu tinha disparado a arma e fiz um grande estrago. “Pensei que você estava apenas tirando um tempo.”

“Você pensou que eu voltaria? Para Landry?”

“Nós somos sua maldita família!” Ele sibila.

“Não mais.”

Tanner recua, ferido pelas minhas palavras. Posso ver a dor em seus olhos. Ele puxa uma cadeira e se senta. Eu olho atrás de mim, procurando por Beauty, mas ela ainda deve estar dormindo. Puxando outra cadeira, pego duas cervejas e coloco uma na frente dele. Tanner bebe metade da garrafa antes da minha bunda bater na cadeira.

“E eu?” Ele resmunga, em seguida, levanta os olhos. “Eu sou seu irmão. Seu maldito melhor amigo.” Sua testa se enrug



em confusão, então ele pergunta: “Se não somos mais sua família, quem diabos sou eu agora? Seu inimigo? Nós fomos feitos para levar a Klan para a nova era. Eu como o líder, você do meu lado. Nós tínhamos planos, Tank. Planos grandes pra caralho.”

Meu peito racha com a dor em sua voz. Poder branco ou não, Príncipe Branco da porra da KKK ou não, Tanner Ayers é o meu maldito irmão. Nós crescemos de meninos para homens juntos. Porra, ele ainda é jovem. Letal, mas jovem. “Pensei que você os enviou. Pensei que você teria ordenado aos soldados que me matassem, porra.”

“Então você não me conhece de jeito nenhum.” Os olhos de Tanner são de aço.

“Eu conheço. É por isso que pensei que era verdade.” O filho da puta era implacável. Matava sem pensar. O irmão matava como se ele não tivesse a porra de um coração. Eu também era assim... mas ele estava em outro nível. Melhor membro da Klan que eles já tiveram. Criado para isso. Tanner Ayers *era* a Ku Klux Klan. Os dois andavam de mãos dadas.

Seu lábio se curvou. “Não conhece. Você poderia ser a única pessoa nesse planeta que eu nunca mataria.” Ele bebe sua cerveja e passa a mão pelo rosto. “Eu rastreei você até esta casa. Não foi difícil.” Ele sacode o queixo na direção do quarto. “Vi que você tem uma mulher agora.” Ele sorri. “Claramente ainda tem gostos arianos, mesmo que você não possa suportar estar perto de nós.”

Ignoro a última parte. “Não estou tentando desaparecer, viver em segredo. Estou aqui. Estou com os Hangmen. Nenhum ponto em me esconder. Nós compartilhamos a mesma cidade. Vivemos no mesmo mundo fodido longe das pessoas ‘normais’.”

“Tank, você é o poder branco. É a porra da elite!” Ele aponta para mim. “É quem você é por dentro. Quem fez você. Nós



sangramos o maldito sangue WASP⁴ vermelho, branco e azul. Você não pode simplesmente virar as costas para nós pelos filhos da puta. dos Hangmen!” Ele ri, sem humor. “Você acha que somos ruins? Você sabe com quem você está agora? Os Hangmen? Eles matam mais do que nós. Reaper Nash mata por diversão, mas *somos* os errados? Sua família, que tem uma causa real, uma verdadeira merda de guerra que estamos nos preparando? Você acha que os Hangmen são melhores para você?” Seus lábios se curvam com desgosto. “Você acha que eu não sei que você andou com um samoano? Realmente, Tank?”

Deixo o comentário sobre o Bull passar. Tanner nunca entenderia como pude fazer amizade com ele. Ele não dá a ninguém fora da raça branca seu tempo. “Eu não sangro mais o branco e o vermelho. Meu sangue é tão negro como o Hades agora, irmão.” Faço uma pausa. “Nós não somos mais os mesmos.”

A sala estava cheia de tensão. O rosto de Tanner perdeu qualquer expressão, e sei que agora estou sentado com Tanner Ayers, o bastardo frio da Klan em que seu pai o preparou para ser. O Príncipe Branco que pensa em nada ou ninguém fora da Klan.

“Eu deveria matar você.” Os cabelos na parte de trás do meu pescoço ficam em pé diante da ameaça na voz profunda de Tann. Mas isso vai embora. Porque apesar do jeito que ele está olhando para mim agora, ele estava certo. Ele não me tocaria.

E não há mais nada a ser dito entre nós.

Tanner olha para mim e posso ver a guerra que ele está travando em sua mente através de seus olhos estreitos. “Você sabe muito... Você sobre mim, sobre meu velho...” Minutos tensos se seguem.

⁴ WASP é o acrônimo que em inglês significa "Branco, Anglo-Saxão e Protestante" (White, Anglo-Saxon and Protestant)



De repente, Tanner termina sua cerveja e fica de pé. Ele caminha até a porta. “Algumas merdas estão acontecendo na irmandade. Eu preciso estar lá. Tenho que ir.”

Meu primeiro instinto foi perguntar o que estava acontecendo. Para dizer a ele que tenho suas costas, que nós descobriríamos juntos... mas eu não fiz isso. E essa parte de toda essa porcaria é o que mais dói.

“Nós terminamos?” Pergunto, minha voz falhando perto do final da pergunta. Não terminei agora. Não terminei esta conversa. Tanner sabe que eu quero dizer na vida. O fim da nossa amizade. Nós *terminamos* para sempre.

A cabeça de Tanner cai para frente. Ele coloca a mão no bolso. Um telefone descartável voa diretamente para mim. “Parece que não, porra.”

“Você estará no comando um dia”, digo. Ele entende o que estou realmente dizendo. Chegaria o dia em que as irmandades a que pertencíamos importariam.

Os ombros de Tanner ficam tensos. “Sim. E a Klan será o maior poder do caralho nos Estados Unidos. Eu me certificarei disso.” Suspiro. Ele *tem* que saber que toda a ideologia da Klan é besteira. Mas Tanner foi criado na vida da Klan. Ele é o poder branco. E sei que quando ele estiver no comando, ele *fará* deles o maior poder.

Porra, sei que nós faríamos isso.

Tanner vira a maçaneta.

“Você vai perceber isso um dia, Tann. Algo vai acontecer um dia para fazer você esquecer toda essa merda de poder branco. Que toda a porcaria da 'cor que nos faz diferente' não é real. Você saberá um dia que precisará deixar isso para trás.”



Tann fica em silêncio com essas palavras, mas depois diz: “Você sabe onde eu estou, se precisar de mim.” Então ele sai pela porta. Ouço sua Fat Boy se afastar pela rua.

Sento na minha cadeira por uma maldita era, encarando a garrafa de cerveja e a porta. Eu sei que deveria destruí-lo. Cortar todos os laços. Ou eu deveria mantê-lo, dizer ao clube e usar Tanner para a inteligência. Usá-lo para proteger os Hangmen. Mas quando me levanto e vou até o cofre, tranco o telefone, sei que não posso e não farei isso. Embora esse seja o meu segredo. Reaper me mataria se soubesse que eu era o melhor amigo do futuro Príncipe Branco.

Tranco as portas, tiro minhas roupas e fico na cama com minha cadela. Eu tirei sua camiseta e sutiã enquanto ela dormia, então puxo-a para o meu peito. Tanner tinha que vir um dia. Porque um dia os Hangmen irão para a guerra com a Klan. A guerra sempre surgia nesta vida. E quando esse dia chegar, não quero enfrentar o melhor amigo que eu já tive. Não quero escolher entre ele e o clube.

Não tenho ideia do que diabos eu faria.

“Você está bem, querido?” A voz sonolenta de Beauty atravessa meus pensamentos. Suas mãos se arrastam sobre o meu peito, como se ela pudesse sentir que estou todo fodido.

“Mmm...” ela murmura, depois começa a beijar meu abdômen. Levantando-a, eu trago seus lábios para a minha boca. Ao tomar sua língua, afasto todos os pensamentos de Tanner. Cabe ao meu irmão encontrar seu caminho nessa vida. Algo acontecerá um dia para fazê-lo questionar tudo. Ele é esperto demais para não questionar.

Quando Beauty quebra o nosso beijo e beija meu peito, eu sei, apesar do que Tanner disse, que ganhei na porra da loteria. Tenho um clube que amo, uma irmandade em que eu me



encaixo. Trabalho com motos o dia todo.... mas o melhor, eu tenho essa mulher do caralho ao meu lado. Através de toda a merda que veio em nossa direção, ela permaneceu forte. Uma fodida pedra, um maldito diamante ao meu lado. Na minha cama e na traseira da minha moto.

Eu jogo Beauty de costas. “Amo você”, digo, certificando-me de que ela está olhando nos meus olhos quando falo isso.

“Eu também te amo”, ela sussurrou de volta, lágrimas em seus olhos. Ela acaricia minha bochecha com sua mão. “Eu te amo muito, querido.”

Beijo-a, então pressiono minha mão entre suas pernas. “Você está pronta para mim?”

“Sempre, Tank”, ela sussurra. “Sempre.”

